novas da galiza

número 193
Outubro 2020
3 euros

em movimento
Mocidade pola Independência 8

os pés na terra
Pegada ecológica do mundo virtual 16

a terra treme
México: Mulheres em defesa dos direitos humanos 20

álex rozados

10-15

Conviver com a fauna selvagem?

Nos últimos anos registou-se um aumento de denúncias por danos de lobo e porco-bravo em exploraçons agropecuárias. Enquanto ainda fica por avançar na incorporaçom de medidas preventivas, gadeiras reclamam melhoras nas ajudas e abre-se o debate da caça.

ACONTECE / 5

Audiência Nacional julga o independentismo

A seçom terceira da sala do penal acolheu a vista oral aos doze independentistas investigados nas operaçons Jaro I e Jaro II. Nove das acusadas foram detidas em 30 de Outubro de 2015 e as três restantes numha segunda operaçom em 21 de junho de 2017. Enfrentam petiçons de cadeia de 4 a 12 anos e pola primeira vez na Galiza umha organizaçom política e um coletivo antirrepressivo jogam-se a ilegalizaçom.

CONSELHO DE REDAÇOM/ Aarón L. Rivas, Alba Moledo, Charo Lopes, Isaac Lourido, Elena Martín Lores, Maria Álvares, Maria Rodinho, Xian Naia S.

OPINIOM/ Isaac Lourido
OS PES NA TERRA/ Aarón L. Rivas
O BOM VIVER/ Conselho de Redaçom

CORREÇOM LINGÜÍSTICA/ Xian Naia S., Fernando V. Corredoira, Vichu García Torea, Rosa Casais, André Taboada Casteleiro
MAQUETAÇOM/ Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/ Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/ Miguel Valcarcel

COLABORAM NESTE NÚMERO/ Álex Rozados, Marta B., Olalla Liñares, Galiza Contrainfo, Nerea V. Lameiro, David P. Neira, Guillerme Presa, Sara Guerrero Alfaro, Piratum, João Aveledo, Séchu Sende, Lucía Cernadas Varela, Iván Cuevas, quico.

FECHO DE EDIÇOM 26/10/2020

EDITA/
Associaçom Cultural Minho Media

SUBSCRIÇONS/
assinantes@novas.gal

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

EDITORIAL / Pantomima judicial

As últimas semanas deixárom umha forte expressom solidária com as militantes de Ceivar e Causa Galiza encausadas na Operaçom Jaro. Houvo propaganda e atos de denúncia nas principais cidades e vilas, e na véspera do início deste juízo, horas antes das próprias militantes encausadas iniciarem o seu caminho cara a Madri, centos de pessoas tomavam as ruas de Compostela para denunciar o processo que se ia celebrar ao dia seguinte na Audiência Nacional espanhola.

galiza contrainfo

A vista oral celebrada em San Fernando de Henares nom defraudou as expetativas: A farsa ficou encenada e puido ser observada nas casas das galegas através da sua emissom em streaming. Por um lado, a Procuradoria tentou construir um relato obscurantista e criminalizador cara o independentismo organizado, e polo outro agiu umha defesa que esclareceu o caráter político da acusaçom e denunciou os riscos anti-democráticos dum processo judicial alicerçado em conjunturas e especulaçons policiais a tentar construir umha trama que lembrava bastante ao "perigo judeu-maçónico comunista", e amparado no modelo penal desenhado para a repressom no País Basco.

No meio do tribunal, o juiz Alfonso de Guevara interrompia sistematicamente as perguntas da defesa e sacava de apuros às testemunhas das forças de segurança do estado. A justiça apresentava-se como umha maquinária repressiva e intimadadora, digna herdeira do Tribunal de Orden Público franquista, enquanto a Procuradoria semelhava mais bem umha sucessora direta da velha Inquisiçom invocando um fantasma criminoso incapaz de se sustentar em provas. Perante todo este coro, doze galegas em pé defendendo-se de portarem bandeiras, felicitarem o aniversário a um preso independentista ou gerirem as redes sociais dumha organizaçom política.

Apesar do descrédito das acusaçons após as declaraçons de testemunhas e peritos, a Fiscalia mantém o grosso das acusaçons. Fica ainda mais umha sessom: a que será quinta e derradeira, onde se desenvolverám as intervençons finais da defesa das três encausadas de Ceivar. Depois, ficará visto para sentença: umha senteça em que está em jogo o futuro de 12 pessoas, mas também o marco de direitos e liberdades mais elementares.

alto falante

altofalante@novas.gal

A solidariedade nom é delito

Os Centros Sociais abaixo assinantes fazemos um chamamento à solidariedade e denúncia social ante a petiçom, por parte da fiscalia do Estado Espanhol, de 102 anos de prisom para as 12 pessoas processadas na Operaçom Jaro I e II, assim como a ilegalizaçom das 2 organizaçons implicadas: Causa Galiza e Ceivar. De novo, as forças repressivas do Estado Espanhol, na sua mania persecutória de aniquilar todo quanto atente contra os seus interesses neoliberais e centralistas enraizados baixo a sombra ideológica do franquismo, criminaliza a solidariedade e a luita polos direitos políticos e sociais de todo um povo, inclusive o seu direito de autodeterminaçom - direito legítimo recolhido na DH-, coa escusa de servir ambas organizaçons de cobertura e enaltecimento do "terrorismo galego".

Os Centros Sociais nom somos alheios a estas dinámicas repressivas. Nos últimos anos fomos asaltadas, saqueadas e incorporadas às diferentes campanhas de criminalizaçom contra o independentismo galego saídas das cloacas do estado e que contarom com a inestimável colaboraçom dos meios de (des)informaçom.

A pantasma "Resistência Galega" nom deixa de ser um invento de pesadelo infundado na sociedade através da complicidade dos médios de (des)informaçom para irradiar inseguridade e ódio e poder, assim, justificar as suas actuaçons de "orde e seguridade cidadá nacional" contra quem defende e luita pola liberdade e a justiça social e os direitos dos povos. A defensa da terra nom deberia ser delito, se nom um direito de todas ante a especulaçom, manipulaçom e violência que, dia a dia, recebemos da mao e baixo o controlo das elites políticas e económicas para satisfazer os seus interesses. Por isso cumpre solidariedade social, porque a defensa dos interesses de todas é de responsabilidade e compromisso de todas. Porque nom podemos permitir que os nossos direitos sigam sendo pisados.

Nom podemos deixar que o nosso direito de organizaçom para a denúncia e açom social ante o abandono, repressom e espólio no que se atopa a nossa terra seja castigado.

Porque se tocam a umha, tocam a todas.

Centro social A Gentalha do Pichel (Compostela), Fundaçom Artábria (Ferrol), Centro social Gomes Gaioso (Corunha), Centro social Mádia Leva! (Lugo), Centro Social Xebra (Burela), A.C. A Galleira (Ourense), Centro social O Quilombo (Ponte Vedra), Centro social Fuscalho (Guarda), Centro social Faísca (Vigo), Centro social A Revolta (Vigo), CSA A Cova dos Ratos (Vigo), A Casa Colorida (Nigrám), Coletivo Terra (Pontedeume)

charo lopes

Vivemos numha crise ecosocial, económica e de saúde permanente que se visibiliza dum jeito diferente, segundo quem e segundo quando conte a história

A tia Ana nunca esqueceu aquele momento em que aprendeu a fazer parte dumha comunidade. O que lhe custava agora era poder levá-lo à prática

A comunidade da tia Ana

MARTA B.

Contava a tia Ana de quando aprendeu o que significava fazer parte dumha comunidade. Foi quando a sua nai se pujo doente, terminal, e tivo que deixar de cuidar para ser cuidada durante meses, e toda a vizinhança se uniu por umha causa comum. A casa converteu-se num lugar onde alguém precisava algumha cousa e muitas mans faziam para que a tivesse, sem mais sentimento e obriga que o de pertença a um grupo e o de saber quais eram as prioridades naquele momento.

Parece a típica história de qualquer tempo passado foi melhor, mas essa afirmaçom, além de ser mui limitada, nom tem em conta que a história se repete, unicamente mudam as personagens que a protagonizam, o qual leva a que haja um monte de pequenos relatos que confirmam que cada vez somos piores pessoas e outro monte que assegure que cada vez aprendemos mais do vivido por quem estivo antes.

No mundo que nos tocou viver há umha personagem que caminha por cima de todo o resto, chama-se capital, claro. Esse grande diretor da orquestra que se alimenta da banca, dos "mercados", do machismo, da hetero-normatividade, do racismo, da classe política, dos meios de comunicaçom, dos fascismos, da classe operária, mas tamém do ecologismo, do feminismo, do sindicalismo... Na verdade é um grande exemplo de economia circular, todo lhe vale para obter algumha cousa para si.

O capital é um grande exemplo de economia circular, todo lhe vale para obter algumha cousa para si

Está mais que claro e mais que falado que, ao pôr ao serviço do capital tanto a terra como a vida das pessoas que fazem parte do mundo, vivemos numha crise ecosocial, económica e de saúde permanente que se visibiliza dum jeito diferente, segundo quem e segundo quando conte a história.

A tia Ana medrou nos oitenta numha vila galega, muitas de nós podemo-nos identificar com esse feito, dalgum jeito a sua história também pode ser a nossa. A tia Ana medrou pensando que se trabalhas duro, estudas e te esforças podes conseguir por ti mesma o que te proponhas. A tia Ana descobriu demasiado nova que nom sempre é assim, mas seguiu para a frente porque poucas alternativas tens a isso quando és mais umha rodinha do sistema. A tia Ana nunca esqueceu aquele momento em que aprendeu a fazer parte dumha comunidade. O que lhe custava agora era poder levá-lo à prática.

Sente ser umha peça do sistema que a necessita para existir, que lhe dá o que precisa, que lhe faz sentir que pode conseguir o que queira, que a convence de que ter mais quer dizer que o merece. Ou será que lhe fai sentir que precisa cousas e experiências que a submetem e que o alimentam a ele? Ou é que fai que o que ela queira seja o que lhe permite manter a ele o poder? Ou é que lhe fai acreditar que está num lugar por cima doutra gente porque a desigualdade é necessária para manter a corda da sua liderança tensa?

A tia Ana sabe que a sua vida deixou de importar porque o importante som outras cousas, mas nom se sente cómoda nesse lugar. Pensa que o mundo teria muito mais jeito se a gente se desse conta de que o melhor para umha é o melhor para todas, que no momento em que ela caiu, a rede que conformara ao seu redor foi a que nom permitiu que batesse com o chao, chame-se comunidade, associaçom, sindicato, amizades..., que nom é justo que o sistema lhe faga acreditar que o único jeito que existe para 'triunfar' é pensar no próprio 'benefício individual'.

Construir a partir do bem comum, das vidas das pessoas, das suas necessidades reais, das suas inquedanças, incluindo todas as diversidades e promovendo o cooperar, sem ter como único fim possível o lucro do capital, deveria ser a base de que se parta, como seres sociais que somos e que vivem num mundo finito e partilhado.

Marta B. é cooperativista, feminista, profissional dos cuidados e sócia de Aselafem, Asociación de Estudos Laborais Feministas.

Habitualmente entende-se por ler qualquer cousa como começar e acabar umha obra narrativa cada três meses, um único título –escolhido por umha adulta– que deve ler toda a diversidade de persoas dumha turma

Ler ou nom ler

OLALLA LIÑARES

Confesso que nunca fum "boa leitora". De nena, enquanto algumhas amigas devoravam *Harry Potter*, eu preferia ver a televisom ou jogar *pachangas*. De todos os enredos que me rodeavam, sentar com um livro estava mais ou menos no penúltimo lugar de preferência. Ora bem: quando me perguntavam polo meu tempo de leitura, respondia "sobre meia hora ao dia", pois aprendim cedo o que é a aprovaçom social. E tampouco dizia nengumha mentira, pois botava conta de todo o que lia diariamente de jeito involuntário: os letreiros, o teletexto, os cromos... A soma de todo havia andar polos trinta minutos.

No secundário, *Os outros feirantes* fijo-me reprovar Língua Galega e Literatura. Rara vez lia um livro OBRIGATÓRIO inteiro e daquela volta nom safara com resumos. Aquele feito amolara-me bem e começava a ter medo de ser umha inculta ou de nom "adquirir vocabulário" – que era a razom de peso que nos dava o professorado para obrigar-nos a ler. Mas, por outro lado, com catorze anos nom estava demasiado preocupada polo meu vocabulário, e a popularidade nom requeria livros, assim que continuei polo caminho da incultura.

Rara vez lia um livro obrigatório inteiro e começava a ter medo de ser umha inculta ou de nom "adquirir vocabulário", que era a razom de peso que nos dava o professorado para obrigar-nos a ler

Decatei-me de que me podia prestar a literatura quando caim na conta de que havia mais géneros que o narrativo e mais autoras que as dos manuais escolares

Quando tinha dezasseis, em plena adolescência revolucionária, descobrim o *Sempre em Galiza*. E fascinou-me. Mesmo anotava num caderno todos aqueles fragmentos que poderia tatuar na minha pele. Certo é que daquela nom cheguei a rematá-lo, mas o que lim fige-no à consciência e com gosto (nom sei se assim se conserva o mérito da leitura). Decatei-me de que me podia prestar a literatura quando caim na conta de que havia mais géneros que o narrativo e mais autoras que as que apareciam nos manuais escolares. Porque tamém lembro que com dezassete anos lim a antologia *Poetízate* e flipei com María Lado ou com Lupe Gómez. E, olha, no derradeiro ano do secundário cheguei a memorizar poemas inteiros de *La voz a ti debida* sem que ninguém me mandasse.

Muito se insiste no "fomento da leitura" no currículo educativo. E habitualmente entende-se por ler qualquer cousa como começar e acabar umha obra narrativa cada três meses. Com frequência, um único título –escolhido por umha adulta– será o que deva ler toda a diversidade de persoas dumha turma. E se assim nom é espertado o gosto pola leitura, compensa-se pondo cartazes sugestivos nos corredores ou programando atividades "dinamizadoras" na biblioteca –espaço onde no meu centro as persoas acodem em grande medida a copiar os trabalhos para casa ou a aproveitar a zona *wi-fi*.

Som tempos em que parece que falamos muito de educaçom, mas cuido que o sistema está mais longe que nunca de ser reformulado. Nom se tenta reduzir os grupos porque esta seja umha das chaves dumha educaçom pública de qualidade, senom porque cumpre distanciar (ainda mais) o alunado. Tamém desde que nos confinárom surgiu um temor coletivo a que a rapazada *nom aprenda*. Umha cousa parecida ao pánico de ver empresas a deixarem de render. Teme-se mais umha geraçom improdutiva do que infeliz. Por isso, como docente, tinha gana de fazer esta confissom. Por ver se deixamos de pôr o foco no mérito, no para quê, e damos o passo a outras perguntas: Que é ler? E aprender, que é?

Olalla Liñares é docente de língua e literatura.

OPERAÇOM JARO /

O independentismo a juízo

redaçom
conselho@novas.gal

"Somos e seremos independentistas galegos, somos e seremos patriotas galegos" assim acabava o alegato final de Joam Peres perante o juiz Alfonso Guevara. O juiz interrompia-o com um "*Suficiente. Se acabó el mitin*". Duas declaraçons de intençons bem diferentes, dumha banda Joam Peres expunha resumida a tese da defensa: as organizaçons políticas Causa Galiza e a organizaçom antirrepresiva Ceivar som organizaçons públicas com umha atividade conhecida e nom formam parte de nengumha trama de apoio e enaltecimento de nengumha organizaçom armada , portanto o que se julgou na Audiencia Nacional é umha ideologia. Da outra banda o aparato judicial do Estado espanhol que baixo nengum conceito queria que o juízo servisse de montra para o independentismo nem fosse evidente mais umha vez a natureza do Tribunal espanhol.

Durante quatro dias a seçom terceira da sala do penal acolheu a vista oral aos doze independentistas investigados nas operaçons Jaro I e Jaro II. Nove das acusadas foram detidas em 30 de Outubro de 2015 e estavam relacionadas com Causa Galiza, e as três restantes numha segunda operaçom em 21 de junho de 2017 vinculadas ao organismo antirrepresivo Ceivar. Enfrentam petiçons de cadeia de 4 a 12 anos e pola primeira vez na Galiza umha organizaçom política e um coletivo antirrepressivo jogam-se a ilegalizaçom, segundo recolhe a Fiscalia por tratar-se de grupos criminosos que serviriam para dar apoio e enaltecer o terrorismo.

> Durante quatro dias a seçom terceira da sala do penal acolheu a vista oral aos doze independentistas investigados nas operaçons Jaro I e Jaro II

A sombra de Resistência Galega planou durante os quatro dias de juízo em boca da fiscalia falando mesmo dum suposto coletivo de presos de Resistência Galega para desta maneira tratar de demonstrar a conexom entre os acusados com umha suposta organizaçom armada.

Mas as acusadas também puidérom denunciar nos seus turnos de palavra e alegatos finais a violência das

galiza contrainfo

Solidariedade nas ruas

As acusadas marchavam a Madri arroupadas numha manifestaçom com 1500 pessoas que saírom à rua na capital do país, baixo a lenda "nom som terroristas, som independentistas". No ato, que concluía na Quintá, apontava-se à gravidade do juízo e das petiçons de condena, polo que supom um passo mais "na perseguiçom de ideias e pola sua deriva autoritária no Estado espanhol". Também houvo umha concentraçom na cidade de Vigo no 16 de outubro e outros eventos nas principais vilas.

Ao pé do Congresso dos Deputados, representantes do BNG, EH Bildu, CUP, Izquierda Castellana, Yesca e a a Coordenadora 25S solidarizavam-se com as militantes de Causa Galiza e Ceivar e denunciavam a "montagem policial que pretende acabar com a opçom política do soberanismo e independentismo galego".

suas detençons –algumhas como a de Joam Peres transcorridas a ponta de pistola–, a perseguiçom policial do independentismo galego e e a natureza política do tribunal que os julgava.

O primeiro dia da vista, 19 de outubro, as defesas tratárom de impedir a celebraçom da mesma por considerar que houvo várias vulneraçons de direitos fundamentais, incidiu-se em que a Audiencia Nacional nom era o órgao competente para julgar as militantes independentistas e que devia de inibir-se a favor do juiz natural, também apontou-se à situaçom de emergência sanitária pola Covid em Madri. Todos os argumentos fôrom desestimados polo juiz Guevara.

Durante os dias que durou o juízo, vivêrom-se situaçons que os acusados qualificárom de "abraiantes " como quando Iria Calvelo escuitava perguntas do fiscal ao mostrar-lhe fotos com pessoas que exibiam um cartaz que punha "Parabéns Teto" no dia do aniversário do preso independentista: "Este ato está organizado por Ceivar, por Resistência Galega, por Causa Galiza ou por quem?". A Iria, respondia incrédula com um riso: "Como?". Ou quando o fiscal lhe perguntava ao Ugio Caamanho por terceira vez polo coletivo de presos de Resistência Galega depois de que o acusado explicara que nom existia tal coletivo se nom "um coletivo de presos independentistas".

> O primeiro dia da vista as defesas tratárom de impedir a sua celebraçom por considerar que houvo vulneraçons de direitos fundamentais

Conclusons das defesas

No último dia, o letrado de Causa Galiza, Guillerme Presa, rebateu no tribunal a consideraçom criminal sobre Causa Galiza, com o argumento das organizaçons criminosas nom serem grupos que delinquem, "se nom agrupaçons de natureza originaria e intrinsecamente delituosa". Para concluir que as suas defendidas "nom se ocultárom nunca e em todo momento

A defesa de Causa Galiza rebateu no tribunal a consideraçom criminal sobre Causa Galiza com o argumento das organizaçons criminosas nom serem grupos que delinquem, “se nom agrupaçons de natureza originaria e intrinsecamente delituosa”

Umha das provas da acusaçom mostradas na sala de juízo foi umha série fotográfica de pessoas portando um cartaz com a legenda "Parabéns Teto", de felicitaçom de aniversário ao preso indepedentista.
Captura da emisom do juízo emitido em estreaming através do canal de youtube da Audiência Nacional.

figérom da publicidade o 'leitmotiv' da sua organizaçom”.

Pola sua banda, Manuel Chao, que levou a defensa das nove detidas na primeira operaçom Jaro, denunciou a violaçom do princípio acusatório por nom mencionar durante todo o processo de instruçom até o começo de juízo oral a possibilidade da existência de umha organizaçom criminal para o enaltecimento e impugnou os informes de inteligencia por umha ausência de verificaçom que provocaria a indefenssom dos acusados. No caso concreto de Sabela I. G. pediu à fiscalia que retirasse os cargos contra ela ao demostarem-se por meio de testemunhas que nom participou dos atos de celebraçom da Galiza combatente, atos polos que Causa Galiza é acusada de enaltecimento.

Neste ponto quixo sublinhar que nom se judicializassem as celebraçons do ano 91, em referência às homenagens a Lola e José, membros do EGPGC, “algo muito mais comprometido”, nem enquanto Resistência Galega mantinha umha atividade e sim se figesse isto agora um quarto de século depois, quando necessariamente o ato obedecia “a umha lembrança histórica”.

Pola Audiencia Nacional também passavam coma testemunhas o ex-responável e responsável da organizaçom do BNG Xavier Vence e Bieito Lobeira, ambos fôrom interrogados polas reunioms com Causa Galiza no marco dumhas conversas impulsadas pelo propio BNG com diferentes agentes e organizaçons galegas de cara a impulsar umha plataforma de “ampla base social” para a defesa dos direitos da Galiza.

Antecedentes: suspensom de atividades de Causa Galiza

Após as operaçons policiais a organizaçom Causa Galiza foi obrigada a suspender a sua atividade, o que ambas denunciárom como umha ilegalizaçom de facto e vírom gravemente limitada a sua praxe diária.

A sua atividade praticamente centrou-se em dar visibilidade ao seu caso e fazer campanhas de solidariedade com as companheiras detidas.

Dous anos após a Operaçom Jaro II e perante a falta de indícios de vinculaçom à organizaçom terrorista, a Fiscalia retira a acusaçom de integraçom em banda armada.

Mas o desabafo do independentismo durava pouco. Em outubro de 2019 no escrito de acusaçom endurece ainda mais a sua interpretaçom e solicita a ilegalizaçom das duas organizaçons –a organizaçom política Causa Galiza e o coletivo Ceivar–, e para 11 dos acusados, o delito de pertença a organizaçom criminal para a comissom de delitos de enaltecimento de organizaçom terrorista, e até 29 delitos de enaltecimento do terrorismo pola participaçom ou assistência a atos políticos ou de recebimento a presos independentistas, vários dos quais fôrom absolvidos. As petiçons individuais do escrito sumariam um total de 102 anos de cadeia e 348.000 euros de multa.

O juízo ainda nom ficou visto para sentença. Os três investigados pola operaçom Jaro II estám citados para o próximo 3 de novembro

Ambos negavam a natureza violenta de Causa Galiza e o carácter legal da mesma.

O juízo ainda nom ficou visto para sentença. Os três investigados pola operaçom Jaro II estám citados para o próximo 3 de novembro em Génova, data em que se exporám as conclusons da sua defensa, mas eximiu aos nove restantes de assistir obrigatoriamente esse dia.

em movimento

elena martín lores
elenamartinlores@novas.gal

Noa González é a coordenadora de Mocidade Pola Independência na comarca do Eume. Falamos com ela sobre esta plataforma que nasceu em Compostela há algo mais de um ano para "renovar o panorama independentista" e dar um espaço confortável à gente nova que quer organizar-se e luitar por umha república independente galega.

Noa González
de Mocidade pola Independência

andrea feliz

"O Estado espanhol vai perseguir a independência por todos os meios, mesmo fora da lei"

Para aquelas pessoas que nom vos conhecem, quem sodes?
Mocidade Pola Independência (MPI) –criada a partir da extinta Coordenadora Juvenil Galega– nasceu como plataforma em 18 de maio do ano 2019, no CSOA compostelano Escárnio e Maldizer. No momento da sua criaçom demos a forma de rede de assembleias abertas de caráter comarcal, e de inscriçom individual. Isto quer dizer que estamos em todas as comarcas: Eume, Ourense, Vigo, Compostela... O movimento independentista é certo que arrasta algumhas eivas desde há bastante tempo, que som as que de algum jeito motivárom a nossa irrupçom no panorama independentista galego. Estas som a fragmentaçom, o choque de propostas de máximos e os ambientes demasiado tensionados. A nossa aposta nisto é criar espaços confortáveis, chegando a consensos entre todas as partes; ademais de renovar o panorama independentista pola açom e a seriedade no trabalho.

"Achamos que a Operaçom Jaro é um obstáculo mais na questom repressiva e que devemos ser conscientes de que venhem tempos bastante duros"

Ademais da questom nacional, quais som os princípios ideológicos da vossa associaçom?
Os nossos princípios ideológicos, além da aposta na articulaçom de umha República da Galiza Independente –como bem comentas na pergunta– som o anticapitalismo, o feminismo, a defensa dos direitos LGBTI+, o anti-imperialismo e o antifascismo. Assim como a defensa da terra e da cultura galega. Basicamente, baixo estas premissas organizamos a nossa intervençom pública. Estes princípios estám recolhidos nos textos do nosso último encontro nacional que tivo lugar em setembro deste ano, e som nos quais baseamos as nossas intervençons.

Enquanto falamos está-se a celebrar o juízo pola chamada Operaçom Jaro. Achades que há umha maior violência da jus-

tiça cara ao independentismo? Vamos para melhor, para pior ou todo está como sempre?

Desde um primeiro momento em que se deu a conhecer a Operaçom Jaro, a nossa resposta foi clara e concisa: o Estado espanhol vai perseguir a independência por todos os meios, tanto legais como mesmo fora da lei. E o esperpento jurídico que dérom em chamar Operaçom Jaro é umha boa prova disto. Nom é nada novo. O independentismo galego da pós-guerra padeceu desde o primeiro momento intimidaçoms por parte do poder, acosso policial e mesmo castigos judiciais contundentes. Pensamos que esta operaçom é um obstáculo mais na questom repressiva porque, se bem já som muitos os processos que houvo, estamos perante a que podería ser a primeira ilegalizaçom de organizaçoms independentistas galegas desde o ano 1975. Nesta situaçom, às portas de umha nova recensom económica, o Estado espanhol fai parte da corrente internacional de cortes dos direitos civis e políticos das dissidências como arma de controle social. Assim que devemos ser conscientes de que venhen tempos bastante duros.

Sobre a situaçom do independentismo na mocidade. Que análise sociológica fazedes?

Segundo indica o CIS, preto dum dez por cento das galegas estaria de acordo com a possibilidade do nosso país buscar encaixe fora do estado espanhol. Também, o aumento em votos das forças institucionais que defendem a Galiza como objeto político de seu indica umha onda de simpatias cara à independência nacional. E a realidade é que estas cifras som incluso maiores no seio da mocidade, onde nos movemos. A isto soma-se que o desmantelamento dos nossos setores produtivos, os ataques da extrema-direita contra a cultura e a forma de vida e os referentes do nosso povo, junto com umhas expetativas vitais cada dia mais negativas, podem ser o detonante que ajude a traduzir essa simpatia em organizaçom e em possibilidades reais de transformaçom. Nós gostávamos muito que se puidesse fazer realidade, obviamente.

galiza contrainfo

"Segundo indica o CIS, perto de um dez por cento das galegas estaria de acordo com a possibilidade do nosso país buscar encaixe fora do estado espanhol"

"Animamos qualquer pessoa nova que esteja a ler isto a somar-se e a achegar ideias e maos, que nunca sobram. Será bem-vinda com as maos abertas"

Quais podem ser as soluçons para somar mais pessoal? Fazer do independentismo um movimento transversal pode ser umha delas?

Pensamos que nom existe umha soluçom mágica nem caminho sem pedras, ainda que é verdade que sim que podemos resolver o que depende de nós. Como comentei sim que acho que existem umha série de eivas que vimos arrastando e que temos que superar, por exemplo, no nosso movimento nom deveria haver luitas fratricidas, e sim o respeito intelectual e humano a quem nom pense exatamente como nós. Penso que ganharíamos em seriedade se assumirmos como próprios os acordos comuns, ainda que discordemos com eles, nom? Por isso entendo que é básico superar os egos e os personalismos, e entender que os perfis de ativismo som muitos e diversos. É dizer, é impossível estar de acordo com tudo numha organizaçom. Além disto, deveríamos elaborar também propostas políticas úteis para a mocidade e refinar a nossa comunicaçom, saindo das consignas e aparecendo dumha forma mais profissional nas redes sociais. Agora estamos a procurar melhorar as nossas linhas visuais gráficas, e temos que seguir trabalhando nelas. Enquanto incrementamos também a nossa presença nas ruas, e aprendemos de história, de economia, ou mesmo de política internacional, para ser quem de explicar as vantagens de umha república galega hoje.

Algumha outra questom que achades de interesse ou importante acrescentar?

É verdade que o trabalho por fazer é muito. Mais precisamente por isso, e como Mocidade Pola Independência é um projeto em construçom, animamos a qualquer pessoa nova que esteja a ler isto –e que sinta que quer participar– a somar-se e a achegar ideias e maos, que nunca sobram. Será bem-vida com as maos abertas.

E queremos, como espaço que aspira a estar no seio dos movimentos populares, dar as graças à vossa equipa de Novas da Galiza, polo vosso interesse em nós. Mais sobre todo por levar duas décadas a informar do que se move no nosso país. Muito obrigadas!

no foco

FAUNA SELVAGEM / CONSEQUÊNCIAS DA DEGRADAÇOM DO MONTE

nerea v. lameiro

Na procura de soluçons para os ataques de lobo e porcos-bravos

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

O aumento de ataques de fauna selvagem nos últimos anos às exploraçons agrogandeiras, especialmente de lobo e porco bravo, conformam mais umha consequência da degradaçom dos bosques galegos. A eucaliptizaçom e o abandono do rural provocam que espécies que antes podiam encontrar o seu sustento nos montes acheguem-se a cada vez mais a zonas habitadas por pessoas.

Segundo os dados que publica a Conselharia de Meio Ambiente, as denúncias por danos de fauna selvagem, em concreto de lobo e porco-bravo, incrementárom-se nos últimos anos. No caso do lobo, espécie cujas medidas de proteçom se encontram no Plano de Gestom do Lobo aprovado durante o governo bipartido, em 2017 registárom-se uns 1203 avisos por danos, o que implicava um incremento considerável perante os 820 do ano anterior. Em 2018 e 2019 os avisos polos ataques de lobo situam-se por cima dos 1300. Dos dados da Junta também se desprende que o mais afetado por este espécie é o gado ovino, se bem vacas, cavalos e cabras som presas do lobo.

No caso do porco-bravo, espécie que sim que é objeto de caça, os dados de Meio Ambiente indicam que em 2019 os avisos por danos fôrom 3907 em todo o país, enquanto o ano anterior contabilizaram-se 1335. No caso deste animal, as exploraçons mais afetadas som os cultivos de milho.

> A partir dos dados de aumento de ataques a exploraçons pecuárias nom pode deducir-se um incremento da populaçom destas espécies

Populaçom de porco-bravo

Resulta difícil extrair destes dados que a populaçom destes animais esteja a se incrementar. No caso do porco-bravo, de Meio Ambiente asseguram que nom existe um censo rigoroso deste animal selvagem. Assim, o dado que é utilizado como base para a estimativa da sua tendência populacional é o número de exemplares capturados nas modalidades de caça maior. Em 2019 fôrom abatidos mais de 16000 porcos-bravos. O número de exemplares de

FAUNA SELVAGEM / CONSEQUÊNCIAS DA DEGRADAÇOM DO MONTE

porco-bravo caçados leva vários em aumento, situando-se desde o 2011 por volta dos 15000 exemplares abatidos por exercício.

O biólogo Pedro Alonso achega algumhas reflexons arredor da situaçom do animal. "A principal problemática no porco-bravo é que o aumento do esforço de caça dá lugar a que esteja a instalar-se arredor das aldeias e dos lugares", expom. Assim, salienta que o aumento da pressom cinegética para o controle desta espécie foi umha das estratégias principais da Junta nos últimos anos, "permitindo a sua caça em época de reproduçom, em áreas vedadas ou refúgios de caça dentro dos tecores. Agora a Junta permite que se cace neles para controlar a populaçom de porco-bravo".

Mas Alonso acrescenta também um outro fator a ter em conta no achegamento desta espécie às aldeias. Assim, nom se aproximaria destas áreas só porque nelas a caça esteja vedada, mas também porque a proliferaçom nestes lugares de massas arbóreas nom manejadas, especialmente de eucalipto e pinheiro, estariam a fornecer-lhe de refúgio.

Brais Álvarez, do Sindicato Labrego Galego, expom um dos efeitos da eucaliptizaçom e a degradaçom dos bosques no caso deste animal, e encontra umha relaçom com a proliferaçom de ataques a prados: "Amplas zonas que antes eram carvalheiras ou soutos convertérom-se em eucaliptais, o que provocou que essa superfície de monte que antes alimentava o javali agora nom lhe serve de alimento, e entom vai aos prados comer nas raízes, minhocas e demais", destaca.

Pedro Alonso: "A principal problemática no porco-bravo é que o aumento do esforço de caça dá lugar a que esteja a instalar-se arredor das aldeias e dos lugares"

Segundo Meio Ambiente, na Galiza vivem a quinta parte dos exemplares de lobo ibérico, porém os dados relativos ao seu censo povoacional encontram-se desatualizados

Dos censos de lobo

Segundo salientam de Meio Ambiente, no nosso país vivem a quinta parte dos exemplares de lobo ibérico, existindo umha continuidade populacional com o resto de territórios da Península Ibérica. Porém, várias vozes salientam a desatualizaçom dos dados relativos ao censo destas espécies. Assim, Pedro Alonso lembra que na Galiza nos últimos vinte anos relizárom-se dous censos do lobo, um realizado por províncias que rematou em 2002 e outro mais recente dos anos 2014 e 2015. Este último quantificava a presença do lobo em 90 grupos familiares. Porém, Alonso critica que o censo de 2014 nom contou com um financiamento ajeitado e que puido haver zonas que nom ficassem bem analisadas. "No norte da província de Lugo e nordeste da da Corunha nom houve umha cobertura adequada, e se em 2014 aí fôrom detetados apenas 6 grupos familiares, agora mesmo por resultados de seguimentos abordados por mim próprio e David Martínez, um companheiro naturalista, vemos que como mínimo há 24 grupos familiares" comenta Alonso. "Nos últimos tempos nunca se chegou a um nível populacional como o que há agora do lobo ibérico", conclui. Para Alonso o abandono do rural seria um dos motivos principais para a proliferaçom da presença do lobo.

O trabalho do Grupo Lobo Galiza, por outra banda, o que observa é um estagnamento na populaçom de lobo ibérico no nosso país. Esta organizaçom realiza seguimento de várias mandas ao longo do país e defende a conservaçom da espécie pola sua labor de controlador de ungulados nos ecossistemas. Jesús Criado, membro deste organismo, acha que mesmo alguns grupos familiares de lobo se encontram em retrocesso. "Cada grupo é diferente e tenhem patrons de alimentaçom diversos. Há grupos com consumo alto de javali, e outros grupos como pola zona de Pontevedra que tenhem um alto percentagem de poldro. Tés que tratar de maneira individualizada cada problema que podas ter, fazer um seguimento e tomar decisons", expom Criado.

Para Criado é importante nom falar apenas de números no caso de lobo, mas também da degradaçom do hábitat, salientando que a eucaliptizaçom provoca que os herbívoros, presas do lobo, tenham que fazer maiores deslocamentos e que os recursos alimentícios para o lobo sejam escassos. Também critica a proliferaçom de parques eólicos instalados em montes com presença de lobo. "Era o seu monte e agora o que fai é usá-lo para deslocar-se entre parches de fragas, que é onde os herbívoros vám alimentar-se e onde encontra a sua caça", sustém Criado.

Arredor da caça

No passado 30 de agosto umha batida foi aprovada pola Junta para caçar

FAUNA SELVAGEM / CONSEQUÊNCIAS DA DEGRADAÇOM DO MONTE

Quadrilha de caçadores em Arteixo com um javali abatido de 200 kg. m.g.

Alonso: "A caça nom tem porque representar um impacto negativo. Bem gerida e cumprindo a normativa cinegética vigente pode ser um recurso mais no meio rural"

um exemplar de lobo em Jove. Grupo Lobo e várias organizaçons ecologistas denunciárom que esta batida fora aprovada sem cumplir com o estabelecido no Plano de Gestom do Lobo. De facto, da Junta da Galiza tem-se incrementado nos últimos anos o recurso à caça para a gestom da fauna selvagem. Segundo dados achegados pola Conselharia em 2019 aprovárom-se um total de 13 açons de caça contra o lobo. O incremento deve-se especialmente à aprovaçom de 11 aguardas neste ano, quando nos exercícios anteriores nom se celebrara nengumha.

"Nós nom estamos favor de eliminar nengum indivíduo", di Criado, "mas tem que ser pessoal da administraçom quem o faga". Assim, acrescenta que nom se pode eliminar qualquer indivíduo de um grupo de lobos, pois cada um tem umha funçom na sua manda. "Se eliminas um indivíduo reprodutor com mais experiência, que achega sabedoria ao grupo, estás a debilitá-lo e podem aumentar os danos ao gado doméstico", destaca Criado. Do Grupo Lobo consideram-se partidários, em casos em que haja um alto nível de ataques a exploraçons gadeiras, da translocaçom de indivíduos concretos, mas assumem que nom é umha medida interessante para as administraçons e que precisaria de umha planificaçom e um seguimento real dos grupos de lobos que nom existe.

Do Grupo Lobo apostam pola translocaçom de indivíduos concretos e nom pola eliminaçom, mas assumem que é umha opçom pouco interessante para as administraçons

Assim Criado enumera também alguns aspetos do Plano de Gestom do Lobo que estám a se incumprir, como seriam a falha de umha posta em valor do lobo, através de programas educativos ou mesmo iniciativas de eco-turismo. Também critica que nom há programas de coexistência entre o lobo e a atividade gadeira nem seguimento sobre as medidas preventivas a usar frente ao lobo, assim como umha ausência de seguimento periódico sobre a presença do lobo no nosso país.

Voltando à caça, o biólogo Pedro Alonso acha que esta prática cumpre um papel na gestom da fauna selvagem. "Para quem nom renuncia à possibilidade de um mundo rural vivo, a caça nom teria porque representar um impacto negativo, se se encontra bem gerida e cumprindo a normativa cinegética vigente pode ser mesmo um recurso económico mais no meio rural", acha Alonso, e acrescenta que "num contexto de abandono e de catatónia generalizada, como é atualmente no rural, é dificílimo evitar que cresça umha espécie como o porco-bravo e gere problemas, ali onde o meio rural trata de sobreviver". No caso do lobo, Alonso também acha necessário estudar cada caso e ver quais som as possibilidades que se apresentam à hora de gerir o controle da populaçom desta espécie. Chama também a atençom sobre o problema do furtivismo e indica que eliminar a possibilidade de umha caça regulada pode deixar em maos de práticas incontroladas a populaçom do lobo ibérico. E o furtivismo nom se trataria de um problema menor, um estudo do Grupo Lobo estimava que em 2017 morrérom 84 lobos por furtivismo.

Para concluir, Alonso salienta o que considera que é a questom de fundo: "A carência de medidas concretas de revitalizaçom do meio rural está a fazer com que o problema com a fauna selvagem seja a cada vez maior".

FAUNA SELVAGEM / AJUDAS DE PREVENÇOM E COMPENSAÇOM

Um lavrador no medio da sua plantaçom destroçada após a acçom do javali.

Gadeiras reclamam subvençons suficientes e de tramitaçom ágil

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

Da administraçom galega estám abertas linhas de ajudas para a incorporaçom de medidas preventivas a ataques de fauna selvagem e para a compensaçom de perdas de animais por esta causa. À falta de umhas medidas mais estruturais que revitalizem o rural galego, gadeiras exponhem algumhas das eivas e problemas que encontram nestas linhas de subvençons da Junta da Galiza.

No Plano de Gestom do Lobo apostava-se no trabalho em medidas preventivas nas exploraçons agrogadeiras para evitar os ataques desta espécie e facilitar umha convivência entre o lobo e o setor. A maior dificuldade para o desenvolvimento destas medidas seria para as exploraçons que tenhem o seu gado em extensivo e portanto mais exposto à açom do lobo. O biólogo e ambientalista Pedro Alonso trabalhou numha avaliaçom realizada em 2017 para administraçom galega sobre este tipo de medidas para as exploraçons em extensivo e nom extensivo, e valora que "há umha margem de melhora importante nesta matéria".

Da Conselharia de Meio Ambiente exponhem que no exercício de 2019 todas as solicitudes para a prevençom de danos por fauna selvagem fôrom atendidas. "Isto quer dizer que quase 1600 gadeiros se beneficiárom da linha de incentivos, em virtude da qual podem adquirir-se pastores elétricos, instalar valados fixos ou mercar cans para a proteçom de gado", informam do gabinete de prensa da Conselharia.

Em declaraçons a Novas da Galiza, o titular de umha exploraçom ovina em extensivo com parcelas em Riotorto e na Pastoriça expom que conta com as seguintes medidas preventivas: "tenho malha ovelheira fixa nas fincas próprias e cans, e tenho malhas elétricas móveis, que subvenciona a Junta nas ajudas de prevençom. Som umhas malhas de 50 metros que se utilizam para pôr provisoriamente em pastor mas a sua efetividade para o lobo é discutível".

> Umha avaliaçom sobre medidas preventivas a ataques de fauna selvagem em exploraçons em extensivo e nom extensivo indicava umha importante margem de melhora nesta matéria

Para as caraterísticas da sua exploraçom a medida de prevençom mais efetiva som os cans de guarda, os mastins. Precisamente, este gadeiro expom que as parcelas em que sofreu ataques foi naquelas em que nom contava com proteçom deste tipo. Porém, este gadeiro de Riotorto expom que estes cans som bastantes caros de manter e critica que a administraçom forneça de ajudas para mercar mastins mas que

FAUNA SELVAGEM / AJUDAS DE PREVENÇOM E COMPENSAÇOM

juan jose González vega

a legislaçom nom lhes permita fazer cria destes cans. "É um despropósito que por um lado tenhamos que proteger o gado, e polo outro nom podamos ter os cans criados de umha maneira viável", salienta. "Se tenho que ter um núcleo zoológico de criar cans há que ter um apartado fechado, que nom é viável quando nós temos que ter os animais no prado com o gado. Tenhem que estar com as ovelhas e os cachorros terem contato com os cordeiros", acrescenta.

Este labrego também denuncia o emprego eleitoralista das ajudas por prevençom de danos de fauna selvagem. Assim, a ele nom lhe foram concedidas estas ajudas em 2019, mas ao achegar-se a data das últimas eleiçons autonómicas recebeu avisode que essas ajudas e as de 2020 lhe seriam concedidas. "Mas nem se sabia em que partida ia isso... o ano passado nom havia dinheiro e neste figérom que o houvesse", salienta. Várias exploraçons gadeiras receberam nesse período chamadas ou cartas da Conselharia de Meio Ambiente em que se lhes comunicava a concessom de ajudas que foram previamente denegadas.

> Concha Blanco: "Se nos pagassem o produto como tinha que ser o impacto dos ataques do lobo seria menor"

Em Friol tem a sua exploraçom de vacum, convertida a ecológico, a gadeira Concha Blanco. Um dos impactos do ataque do lobo na sua exploraçom fôrom mudanças no manejo que tivo que efetuar para prever os danos. "Nalgumhas parcelas tivemos que deixar de levar os animais, levo vacas que tenho que recolher à noite", explica Concha. Isto implica que as parcelas, ao nom estarem ali de forma constante as vacas, encontram-se mais descuidadas provocando também gastos no trabalho de desbroce. E logo começou com o emprego de mastins. "Temos umha mastina, educamo-la para que estivesse com as vacas mas tés que aprender como alimentá-la para que nom venha à casa e fique como cam de companhia", explica.

Compensaçons por danos

Outra linha de ajudas por parte da adminisrtraçom em relaçom com a fauna selvagem é a referente à compensaçom de danos por ataques. Da Conselharia destacam que neste ano a ordem de ajudas para paliar os danos ocasionados pola fauna selvagem duplicará a quantia do exercício de 2019, que ascendeu para 1,4 milhons de euros.

Brais Álvarez, do Sindicato Labrego Galego, expom o funcionamento destas ajudas: "Cada vez que umha gadeira recebe um ataque tem de chamar ao 012, um agente florestal vai à exploraçom e analisa o dano, há uns parámetros que desenhou a Junta com as organizaçons agrárias no seu momento para determinar um padrom de ataque do lobo". Atualmente cobrem-se os ataques de lobo a gado e de javali, mas do SLG acham que "nom se deveram cobrir esses dous grupos especificamente mas que tinha que haver umha linha de ajudas para ataques da fauna selvagem", e adverte-se de ataques como os de ursos a colmeias de abelhas.

Brais assinala também alguns dos defeitos das atuais linhas de ajudas para os danos do lobo: "Na linha de vacum de ataque do lobo o di-

FAUNA SELVAGEM / AJUDAS DE PREVENÇOM E COMPENSAÇOM

nheiro que dam por umha morte para nada compensa o valor real do animal e nom se tem em conta fatores tais como a idade do animal, além de se tem seis meses, mais de um ano ou mais de dous anos. Pedimos por um lado umha ampliaçom da linha de ajudas e sobre todo agilidade na mesma".

Sobre a agilidade na tramitaçom destas ajudas queixa-se também Concha Blanco, de Friol, que em ocasions demorou dous anos em receber a ajuda pola morte de umha vaca e sofreu a morte de 10 das suas reses desde 2013. Esta gadeira acrescenta que as soluçons teriam de ser estruturais, e resume as suas reivindicaçons em "agilidade nas tramitaçons, indenizaçons suficientes e ordenaçom do território".

Chover sobre molhado

Blanco, cuja produçom é principalmente de leite, contextualiza o problema da fauna selvagem numha série de problemáticas que afetam à viabilidade das exploraçons gadeiras. "Chove sobre molhado", sentença. "Morrem mais animais na exploraçom do que morrem por ataques. Temos assimilado que morrem por pneumonia, ou de parto, mas que che venha por umha causa externa quando nom contas e que che deixe estes transtornos custa muito. Antes nom tínhamos o lobo e agora é um problema mais", reflete esta gadeira. Assim, denuncia também que "a gente tem animais e continua a ter um salário de merda. Se nos pagassem o produto como tinha que ser o impacto dos ataques do lobo talvez fosse menor. Estás já muito no limite e quando nom chegas a fim de mês notas qualquer cousa".

Brais Álvarez, do SLG, reflete sobre a mesma ideia. Assim, exprime que "vemos que há umhas perdas económicas que deveram cobrir-se de outra maneira por parte da administraçom mas tampouco imos ser tremendistas e dizer que é o principal problema que tenhem as exploraçons agrogadeiras. O seu maior problema é o modelo económico e social que temos, e como problemas transversais, derivados da gestom que fazemos do nosso meio, podem vir estes outros como o da fauna selvagem".

EM MONDONHEDO /

Dous anos de Projeto Rebinxe

Em 2018 nascia o Projeto Rebinxe no IES San Rosendo, de Mondonhedo, da mao de um grupo de estudantes de biologia para estudar a fauna da contorna, assim como a sua relaçom com as atividades agrogadeiras. Óscar Chao era o professor desse alunado e conta que no primeiro ano as atividades centravam-se em espécies como morcegos, corujas ou mouchos, e também no conscienciaçom para reduzir o uso de biocidas na agricultura. "Depois ampliamos a cousa", explica, "continuamos com esses trabalhos mas utilizamos outro tipo de metodologia, como por exemplo o fototrampeio, com o que recolhemos um montom de dados de maneira passiva, sem molestar a fauna nem provocar impacto, sobretodo de mamíferos da zona do Gistral e em geral do norte da província de Lugo".

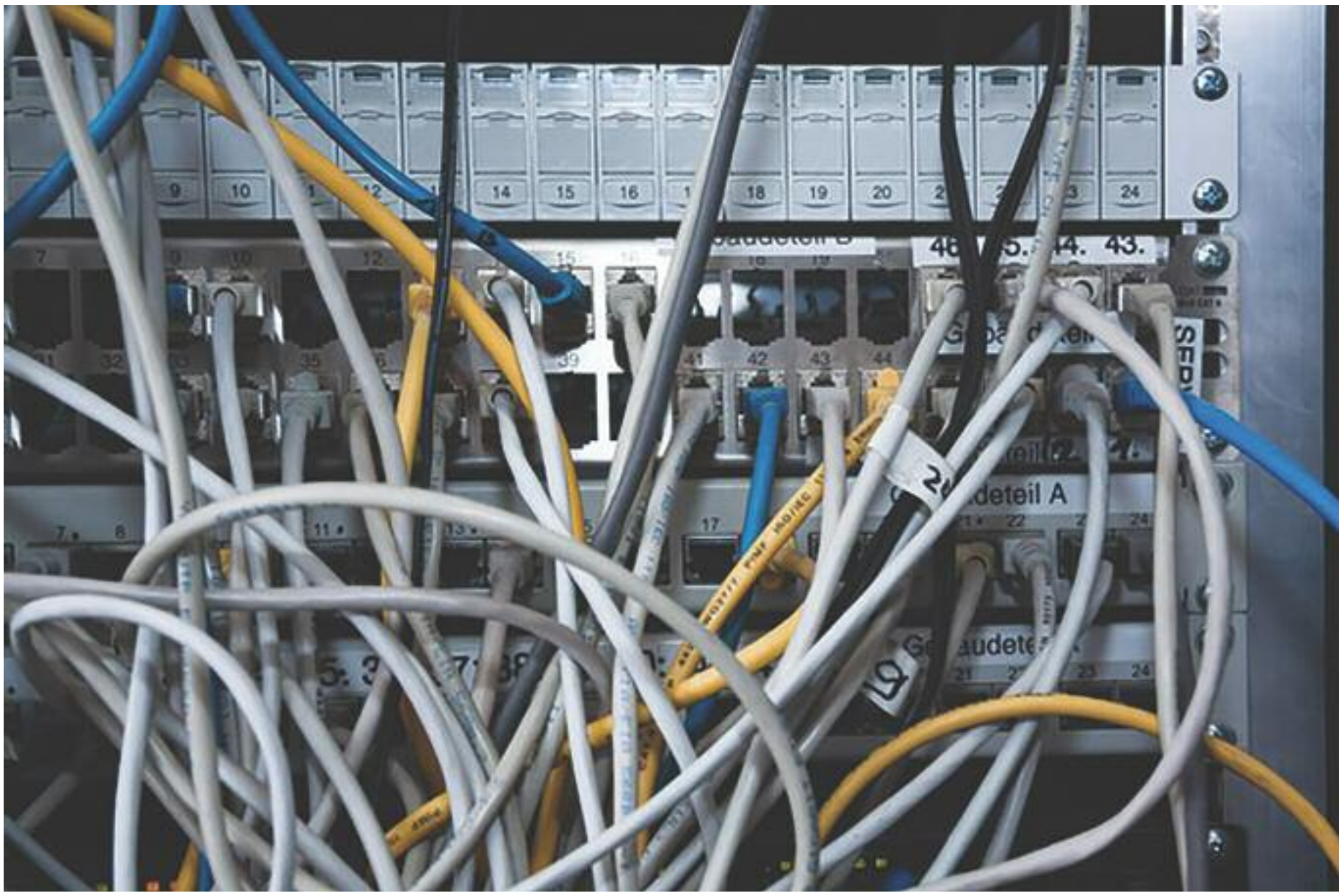
E neste segundo ano focárom a sua atençom sobre o lobo, "como um elemento vertebrador para trabalhar muitas cousas", expom Chao. "Utilizamos essa espécie como um eixo para estudar os ecossistemas, a flora, todo tipo de biodiversidade, as cadeias tróficas, a gadeiria em extensivo, a relaçom que tenhem animais como os cavalos do monte com a conservaçom dos habitats, impactos e outros mamíferos silvestres que há na zona", acrescenta este professor.

O objetivo final deste trabalho com o lobo, "é obter dados o mais exaustivos e ajustados à realidade possíveis, pois muitos estám desatualizados, e assim ajudar à convivência e em base aos dados tomar as melhores medidas preventivas possíveis e adequadas a cada zona e a cada exploraçom concreta". Assim, Chao deseja que "isto poda redundar em algo positivo para a gente que tem danos do lobo e que se opte por medidas preventivas e conhecimento, em lugar da eliminaçom de animais".

O objetivo do trabalho com o lobo é recolher dados que sirvam como base para adotar medidas preventivas

O trabalho de Rebinxe ainda se encontra num primeiro momento de investigaçom, recolhida de dados e o seu tratamento. "Antes de sacar esses dados à luz gostávamos tê-los bem assegurados. Estabelecemos que nos fam falha dous ou três anos mais para ter os dados definitivos e com isso começar a trabalhar em atividades mais de divulgaçom e de trabalho com o setor gadeiro", expom o professor. Várias ex-alunas do IES de Mondonhedo som as que a dia de hoje conformam o núcleo do projeto. "A ideia é que elas, com o passo do tempo, sejam protagonistas destas investigaçons, e muitas som famílias de gadeiras ou o som as suas vizinhas. Que sejam as protagonistas e podam divulgar este tipo de cousas sempre vai contribuir a mudar a mentalidade para melhor", reflete Chao.

os pés na terra



Mundo virtual, mundo social e mundo físico

DAVID P. NEIRA

Recentemente um artigo na revista *Nature*[1] afirma que as 'nossas' sociedades, o 'nosso' modelo socioeconómico, tem um 90% de possibilidades de colapsar. Sem duvida, evitar este destino implicará mudanças profundas e estruturais que permitam transiçons ecossociais mais ou menos ordenadas. Para isto temos de superar muitas barreiras, muitas. Entre elas, o imaginário dominante associado ao progresso tecnológico/digital. Sem dúvida umha parte importante da opiniom pública, e dos setores políticos e económicos, nom é consciente de que o uso da tecnologia digital requer da mesma 'supervisom' (ou ainda, reformulaçom do seu uso/decrescimento) que outros setores ou atividades económicas quanto a sua compatibilidade com os limites planetários e os problemas ambientais e climáticos. O informe internacional intitulado *Climate Crisis: The unsustainable use of online video* achega alguns dados interessantes neste sentido. Atualmente, as tecnologias digitais vinculadas com a rede e o fluxo mundiais de dados som responsáveis polo 4% das emissons mundiais de gases de efeito de estufa (GEI), mais do que a aviaçom civil. Assim mesmo, estima-se que por volta de 2025 esta cifra pode atingir 8% das emissons já que, entre outras questons, o consumo energético associado a estas novas tecnologias cresce a umha taxa interanual de 9%. 45% do consumo energético está relacionado com a fabricaçom dos dispositivos (telefones, computadores, etc.) enquanto 55% restante com o uso dos terminais, data centers e mantimento das *networks*.

> As tecnologias digitais vinculadas com a rede som responsáveis polo 4% das emissons mundiais de gases de efeito de estufa

Com a apariçom da Covid-19 e do confinamento, o uso das novas tecnologias e Internet incrementou-se de maneira notável. Noutro estudo internacional, esta vez realizado por La Caixa afirma-se que 70% das pessoas inquiridas (dumha mostra de 9.300) aumentárom bastante ou muito o tempo diante do computador ou do telemóvel, 27% figérom-no pouco e apenas 3% utiliza a tecnologia igual que antes. Assim, durante o confinamento as usuárias destas tecnologias estivemos prendidas aos ecráns, de média, a arrepiante cifra de 9 horas e 16 minutos o dia. Se bem é certo que o acesso à rede permitiu-nos manter o contacto com amizades, familiares e teletrabalhar (nos empregos que o permitírom) ou estudar com mais ou menos dificuldade, a quantidade de tempo dedicado aos ecráns influiu na perceçom de bem-estar das pessoas confinadas. A maioria das participantes deste estudo intitulado *El bienestar personal y el uso de la tecnología en confi-*

namiento reconhecérom ter sofrido um impacto negativo no confinamento associado a esta nova situaçom. Como é evidente, as horas de uso variárom segundo o contexto e a situaçom socioeconómica das pessoas (capacidade de tele-trabalho, número de computadores no núcleo familiar, responsabilidades de cuidados, etc.). Para além dos efeitos sociais desta realidade, e num contexto de crise ecológica global, umha pergunta pertinente poderia ser: Qual foi o impacto ambiental desta 'nova' mega-intensidade tecnológica?

Até onde chega o meu conhecimento, os dados sobre os efeitos globais ainda nom estám disponíveis. Apesar disto, e como exercício pedagógico, é possível pôr alguns exemplos a nível usuário que permitam dar significado quotidiano aos possíveis impactos macro. Assim, se durante o confinamento mercamos um computador portátil novo –com o seu rato e disco rígido– a nossa pegada ecológica incrementou-se em quase 1 tonelada de CO2-eq[2], mas se cambiamos de impressora o impacto ascenderia a mais de 214 kg de CO2-eq (é dizer, o nosso consumo seria 'responsável' por esta quantidade de emissons antropogénicas produzidas ao longo e ao largo do planeta). Da mesma forma, se tomamos como referência os tempos médios de uso dos ecráns durante o confinamento, podemos chegar a resultados bastante surpreendentes. Nove horas de visualizaçom de vídeos online ou videoconferências supugérom umhas emissons nada desprezíveis 0,5 e 1,1 kg CO2-eq, isso sim, sem considerar o uso dos terminais e o mantimento dos *data centers* e *networks* que poderia chegar a multiplicar este impacto por 2,7. Para nos entendermos melhor, estas emissons associadas ao uso dum portátil seriam equivalentes àquelas produzidas num deslocamento de 1,4 e 3,6 km dum carro mediano ou de 4,1 e 10,7 km por passageira de autocarro. Mas isso nom é todo, porque a mudança climática nom é o único problema ambiental sério que temos na atualidade. Se cambiamos de categoria de impacto e analisamos os efeitos sobre o esgotamento dos recursos abióticos (combustíveis fósseis, minerais, argila, etc.), as proporçons incrementam-se. A pressom ambiental das famosas nove horas de uso do terminal seria equivalente a um deslocamento de 10 km dum carro ou 350 km dumha passageira de autocarro.

manuel flores

Durante o confinamento as usuárias destas tecnologias estivemos prendidas aos ecráns, de média, a arrepiante cifra de 9 horas e 16 minutos o dia

A pressom ambiental das nove horas de uso do terminal seria equivalente a um deslocamento de 10 km dum carro ou 350 km dumha passageira de autocarro

Tendo em conta estes impactos ambientais, a seguinte pergunta pertinente poderia ser: ¿qual é o uso que lhe estamos dando a este mundo virtual? Novamente, segundo o estudo de La Caixa, durante o confinamento algo mais de 5 horas de uso estivo relacionado com o trabalho ou o estudo e, o resto, com outros usos como comunicar-se ou entreter-se. Volvendo aos dados macro, o primeiro informe mencionado afirma que 80% dos fluxos globais de dados a nível mundial está relacionado com a visualizaçom de vídeos e 20% restante com outros usos (*webs*, *emails*, *networks* empresariais, etc.). Isto é, ver vídeos é o uso mais 'importante' da rede! Desta forma, utilizamos a rede, por ordem, para ver vídeos online VoD (filmes, séries), pornografia, *tubes* ou outro tipo de vídeos (televisom, *camgirls*, redes sociais, etc.). Em 2018, a visualizaçom de vídeos online (60% do fluxo dos dados) supugérom umhas emissons de 306 milhons de toneladas de CO2-eq (1% de las emissons globais). Se aceitamos a hipótese de que, num contexto de choque contra os limites planetários, o decrescimento do consumo material é a única opçom viável –que abre portas à justiça distributiva- cumpre, ainda que nom seja totalmente do nosso agrado, politizar e priorizar os usos das novas tecnologias assim como focalizar os esforços em fortalecer outras formas de socializaçom e ócio (nom-consumistas), que nos permitam um '*desenganche*', até, mui satisfatório.

1. Bologna, M. e Aquino, G. (2020). "Deforestation and world population sustainability: a quantitative analysis". Nature: 10:7631

2. CO2-eq = equivalente de dióxido de carbono, medida padrom para avaliar o impacto em termos de aquecimento global.

David P. Neira é professor do departamento de economia da Universidade de Leom.

panóptico

galiza contrainfo

Pericial de inteligência: criando a ameaça

guillerme presa
esculca

O incremento da transcendência da atuaçom policial no processo penal e a consequente submissom da funçom jurisdicional à lógica e aos métodos policiais, com as suas técnicas inquisitivas de suspeita e com a sua parcialidade, é um fenómeno moderno e mui preocupante já que afeta a valores constitucionais como a imprescindível imparcialidade judicial, o direito de defesa e o correto exercício de direitos fundamentais.

Seguindo o magistrado Ramón Sáez Valcárcel, concretamente o seu artigo "*Pericia de inteligencia: prueba penal y erudición de Estado*", publicado em março de 2017 no número 88 da *Revista de Jueces para la Democracia*, diremos que as agências policiais (e os serviços secretos) livram umha luita contra a delinquência e os criminais que leva a considerar o suspeito como inimigo e o processo como um meio para confirmar a sua culpabilidade. O trabalho policial é arbitrário e seletivo, guia-se polo pragmatismo e está condicionado pola necessidade de previr o perigo e por isso o seu método de trabalho é a suspeita. E dado que a suspicácia carece de limites, porque é umha questom subjetiva, o ánimo dos que tenhem que desconfiar profissionalmente para previr as ameaças alimenta-se, necessariamente, de componentes paranoides.

Por contra, os juízes trabalham com hipóteses sobre feitos e tratam com sujeitos imputados, e nom existem inimigos nem suspeitos cuja culpabilidade deva ser verificada. A sua atuaçom deve respeitar a presunçom de inocência, nom apenas como regra de juízo senom tamém como critério de tratamento, e tenhem a obriga, tal como o Ministério Fiscal, de "*consignar y apreciar*" também as circunstáncias favoráveis ao investigado (artigo 2 da *Ley de Enjuiciamiento Civil*).

> As agências policiais (e os serviços secretos) livram umha luita contra a delinquência e os criminais que leva a considerar o suspeito como inimigo e o processo como um meio para confirmar a sua culpabilidade

Umha das realidades em que cristaliza este aumento da preponderáncia policial no nosso processo som os conhecidos como "relatórios periciais de inteligência", que Sáez Valcárcel no artigo mencionado define como umha ferramenta de trabalho próprio das agências de informaçom encarrega-

O ânimo de quem tenhem que desconfiar profissionalmente para previr as ameaças alimenta-se, necessariamente, de componentes paranoides

galiza contrainfo

das de prover ao governo de conhecimento sobre "as ameaças e perigos, atuais e potenciais, presentes e, sobretodo, futuros". Mui significativamente, noutra passagem do artigo, o mesmo magistrado refere que estes relatórios se servem de técnicas de análise e de prediçom próprias das organizaçons militares e que, em última fase, respondem "à lógica de guerra e à cultura da suspeita". Nesse sentido, a informaçom de inteligência foi sempre um saber cujo compêndio e preparaçom estava destinado ao consumo da autoridade chamada a decidir umha matéria da área competencial do executivo e das administraçons, entre as quais cumpre destacar o mando militar. Trataria-se, segundo Sáez Valcárcel, de um "destilado da razom de estado em cujos domínios medrou", polo qual a sua penetraçom na atividade judicial deve ser considerada como umha "rareza".

A utilizaçom deste tipo de relatórios policiais alcançou o seu paroxismo na repressom do independentismo radical galego onde foi posta em prática umha nova habilidade: a criaçom da própria ameaça. Com efeito, a mesma existência dumha organizaçom terrorista denominada Resistência Galega está baseada exclusivamente em afirmaçons contidas em relatórios de inteligência, achegados ao Sumário 2/2012 do Julgado Central de Instruçom nº 6 da Audiência Nacional. Como sabemos, este sumário foi recentemente reativado contra quatro pessoas pola sua suposta integraçom numha banda armada que carece de ato fundacional, nom tem militantes, nem hierarquia, nem estrutura económica e que nem sequer reivindica açons.

E som também relatórios de inteligência os que servem de base única à acusaçom formulada contra as associaçons Ceivar e Causa Galiza e doze pessoas nas Diligências Prévias nº 120/2015, também do Julgado Central de Instruçom nº 6 da Audiência Nacional, que as considera organizaçons criminais dedicadas à apologia do terrorismo de Resistência Galega, fechando-se assim o círculo vicioso.

Os efeitos destas técnicas transcendem o próprio processo, pois além do dano que geram no direito à presunçom de inocência e nas garantias processais daqueles que vem ameaçada a sua liberdade polas penas solicitadas, provocam desalento no exercício dos direitos fundamentais à liberdade de expressom, associaçom e participaçom política, devastando a qualidade da democracia.

Segundo Sáez Valcárcel os relatórios periciais de inteligência servem-se de técnicas próprias das organizaçons militares e, em última fase, respondem "à lógica de guerra e à cultura da suspeita"

A doutrina do efeito desalento constitue umha manifestaçom da dimensom objetiva dos direitos fundamentais (ver sentença do Tribunal Constitucional 88/2003, de 19 de maio), que obriga os poderes públicos a remover os obstáculos que desincentivem os cidadáns para o exercício dos seus direitos fundamentais. Além disso, umha sançom penal excessiva sobre umha conduta próxima do exercício dum direito fundamental pode dissuadir os cidadáns de exercer no futuro esse direito e, nesse caso, a sançom desproporcionada constitue umha vulneraçom do próprio direito fundamental.

sáshenka gutiérrez

Um refúgio contra a impunidade

Maes de vítimas e coletivos feministas tomam a sede da Comissom Nacional dos Direitos Humanos na Cidade de México na procura de justiça

sara guerrero alfaro

México atravessa desde há uns anos umha crise de direitos humanos e umha das principais vítimas desta crise som as mulheres. Tam só nos primeiros sete meses de 2020, 2.240 mulheres fôrom assassinadas, 3,1% mais do que no ano anterior no mesmo período. A impunidade do Estado e a negligência das suas instituiçons derivárom na criaçom de coletivos de vítimas -e familiares-, que se organizam de maneira autónoma para defender os próprios direitos e exigir ao Estado que tome e responsabilidade que lhe corresponde e brinde esclarecimento aos casos e justiça aos impunes.

No passado dous de setembro, Marcela Alemán amarrou-se à cadeira da presidenta da Comissom Nacional dos Direitos Humanos (CNDH), logo de ter mais umha reuniom em que nom se lhe brindou resoluçom algumha à sua demanda. Num vídeo que depois se difundiu polas redes sociais explicava: “Estou cá, na sala de juntas de Rosario Piedra e amarrei-me porque já me queriam mandar pôr outra denuncia. Já cansei. A minha filha é umha moça que merece ser atendida polos direitos humanos, mas nom. Todo um Estado pisou-lhe os seus direitos e fai com ela o que quer”. Alemán leva desde o 2017 luitando para que se faga justiça e se castiguem os violadores da sua filha, quem na altura contava só quatro anos.

> Tam só nos primeiros sete meses de 2020, 2.240 mulheres fôrom assassinadas, 3,1% mais do que no ano anterior no mesmo período

Segundo a reconstruçom cronológica de Daniela Rea para o jornal *Pie de Página*, essa mesma quarta-feira de setembro, Silvia Castillo também acudiu às instalaçons da Comissom para buscar esclarecimento no caso de assassinato do seu filho perpetuado no ano passado. Tampouco obtivo a resposta esperada por parte da instituiçom.

Foi entom que, da sede da CNDH, Marcela e Silvia pedírom o apoio do *Colectivo 10 de marzo*, o qual está integrado por familiares de pessoas desaparecidas. Desde fevereiro deste ano, esta agrupaçom mantém tomado o vestíbulo da *Comisión Ejecutiva de Atención a Víctimas* (CEAV) em exigência de apoio e transparência de recursos.

A dous de setembro, Marcela Alemán amarrou-se à cadeira da presidenta da Comissom Nacional dos Direitos Humanos: "Estou cá, na sala de juntas de Rosario Piedra e amarrei-me porque já me queriam mandar pôr outra denuncia. Já cansei. A minha filha é umha moça que merece ser atendida polos direitos humanos"

sáshenka gutiérrez

A resposta dos e das familiares à petiçom das maes que estavam na CHDH foi rápida e incondicional e a metade das pessoas que se topavam na CEA transladárom-se à CNDH. Para mesma noite da quarta-feira, o coletivo feminista *Ni una menos* anunciou através das suas redes sociais que também se encontravam dentro da sede da CNDH acompanhando Marcela e Silvia.

Num momento de euforia triunfal, Marcela Alemán ondeou umha bandeira de México dum balcom da Comissom enquanto um grupo de rapazes lhe gritavam da rua: "*no estás sola*". Assim rematou a primeira jornada da toma da CNDH que se mantém até a data de redaçom desta reportagem, mais de mês e meio depois.

Palimpsestos feministas

As polémicas sobre a toma das instalaçons chegárom poucos dias depois quando se difundírom as intervençons dentro e fora da sede da CNDH. Numha das oficinas centrais, entre duas guirlandas, escreveu-se: "*ni perdonamos ni olvidamos*". Graças ao arquivo fotográfico do jornal digital mexicano *Animal Político*, som visíveis as pichaçons nos corredores do imóvel em que se podem ler frases como "*La policía no me cuida, me cuidan mis amigas*", "*Justicia para todes*", "*Estado feminicida*" ou "*Si nos quitan un espacio, volveremos a abrir más*".

Além disso, no sete de setembro e às portas da Comissom, as mulheres exibírom os quadros de vários heróis nacionais intervidos. Erika Marínez, mae dumha menina que foi violada em 2017, assinalou e exclamou frente os meios: "Estas flores, estes beiços pintados, fôrom pintados por minha filha, umha nena que aos sete anos foi abusada sexualmente".

Perante os comentários do presidente López Obrador, que desqualificava tales atos "vandálicos", as mulheres pronuciárom-se e declarárom que lamentavam que o quadro despertasse mais indignaçom que os assassinatos e desapariçons. Ato seguido anuciárom que os quadros se pujariam nos seguintes dias.

Perante os comentários do presidente López Obrador, que desqualificava tales atos "vandálicos", as mulheres pronuciárom-se e declarárom que lamentavam que um dos quadros invertidos despertasse mais indignaçom que os assassinatos e desapariçons

Um refúgio

Para o sete de setembro, Marcela e Silvia já marcharam das instituiçons: a primeira porque chegou a um acordo com a diretiva da CNDH sobre a sua demanda e, por outra banda, Silvia, devido a causas de saúde.

Yesenia Zamudio, mae de Maria Jesús, vítima de feminicídio, no seu rol de coordenadora do coletivo *Ni una menos*, declarou que a sede da CNDH se transformava num refúgio para mulheres padecedoras de violência e convocou as vítimas e familiares para participar na toma do edifício.

A este respeito, Erika Martínez declarou: "Este bloco nom nos vai alcançar e assim o queremos demonstrar. Eu convoco a todas essas mulheres que fôrom e som vítimas da omissom do governo que venham, que aqui vam topar umha resposta".

No entanto, dentro do prédio, começárom a fazer-se patentes as di-

sáshenka gutiérrez

ferenças. Segundo a reportagem de Daniela Rea, os familiares de vítimas, ilhadas, ocupavam a sala de juntas, enquanto que os grupos de feministas, o resto do imóvel.

A respeito dos pregos peditórios, os familiares exigiam à CNDH e à Secretaria de Governaçom a atençom e resoluçom das suas demandas. O coletivo *Ni una menos* pediu a renuncia da presidenta da Comissom. Por sua vez, outros coletivos, entre os quais destaca o anarquista *Bloque Negro*, anuniciárom que as suas integrantes já nom deixariam o edifício.

No 16 de setembro, a representante do coletivo de familiares de vítimas do estado de Guerrero, María Guadalupe Rodríguez, manifestou a sua separaçom antes de deixar a CNDH: "Cremos que este espaço era para as vítimas. Nós nom temos coberto o rosto, damos a face porque nom escondemos nada, somos vítimas que querem justiça, porque o Estado tem umha dívida connosco".

As marchas feministas do 28S pola legalizaçom do aborto caracterizárom-se polos choques violentos dos coletivos contra edifícios e mulheres polícias

Yesenia Zamudio também anunciou a retirada das famílias de vítimas: "Nós nom pedimos casas, pedimos justiça". Perante isto, *OKUPA Bloque Negro* deslindou-se "de qualquer açom e discurso de Zamudio".

Paradoxos remanentes

As marchas feministas do 28S pola legalizaçom do aborto caracterizárom-se polos choques violentos dos coletivos contra edifícios e mulheres polícias. A consequência disto resultárom feridas mais de umha dúzia de pessoas que tentárom "encapsular" a manifestaçom.

Na véspera da marcha, em vários meios mexicanos saia a nota em que a chefa de Governo da Cidade de México acusou a empresa GINGroup de financiar a toma da CNDH. Ao seu tempo, o presidente López Obrador também chegou aos tabloides por assegurar ter informaçom sobre gente infiltrada em contra do seu governo que usa o movimento feminista para atacá-lo.

Parece que a insistência dos meios de comunicaçom para questionar e exibir o "vandalismo" e a violência dos diferentes coletivos esteriliza os objetivos de luita ao mesmo tempo que causa confusom entre as filas do movimento feminista. À marcha da capital polo 28S acudírom apenas 600 mulheres, cifra muito pequena em comparaçom às milhares dos anos anteriores.

piratum

o bom viver

ronseis / Dorothé Schubart / **26**

cultura / Livro galego / **28**

cultura / Línguas de preto / **30**

Dos grandes mamíferos

Nos últimos tempos, umha série de notícias sobre a presença de grandes mamíferos, marítimos e terrestres, estám a chamar a atençom da sociedade galega. Orcas, baleias-azuis, baleias-comuns, ursos... João Aveledo fai um repasso destes últimos avistamentos e pergunta-se porque está a produzir-se no momento esta recuperaçom da nossa megafauna. página **24**

Orca (Orcinus orca). séchu sende

A GALIZA NATURAL /

O regresso dos grandes mamíferos

joão aveledo

Nos últimos tempos, uma série de notícias estão a chamar a atenção da sociedade galega. Todas têm em comum o tamanho considerável dos mamíferos que as protagonizam.

No dia 30 de agosto deste ano, várias orcas (*Orcinus orca*) atacavam um veleiro da Armada Espanhola a duas milhas de Corruvedo, rompendo-lhe o leme. Desde meados desse mês e durante as seguintes semanas viram-se grupos familiares de orcas nas costas galegas, que chegaram a interagir com um elevado número de embarcações. Os casos mais graves acabaram em acometimentos e danos estruturais aos barcos, algo insólito a nível mundial. A CEMMA (Coordenadora para o Estudo dos Mamíferos Marinhos) explicou que não é infrequente que as orcas, perseguindo bancos de atum (*Thunnus*), se aproximem do litoral ou entrem nas rias; já o comportamento agressivo destes animais pode ter sido responsabilidade de alguns dos juvenis que, numa etapa de aprendizado, estariam a ensaiar técnicas de caça grupais. Devemos assinalar que, apesar da má reputação que acarreta a alcunha de "baleias assassinas", nem são baleias, tratando-se duma espécie da família dos golfinhos, nem nunca um ser humano foi atacado por orcas em liberdade.

Em setembro, o Bottlenose Dolphin Research Institute (BDRI) [*sic*], com sede no Grove, dava conta de uma "extraordinária concentração" de baleias-azuis (*Balaenoptera musculus*) e baleias-comuns (*Balaenoptera physalus*) alimentando-se na costa das Rias Baixas. Até 9 baleias-azuis e 19 baleias-comuns foram observadas em entre o arquipélago das Sies e o de Ões, numa pequena zona próxima à costa, por vezes, só a duas milhas desta. A baleia-azul é o maior mamífero que já existiu, chegando a atingir 30 m de comprimento e mais de 180 t de peso. Destes rorquais perdera-se a memória nas costas galegas. Os últimos foram observados em alto mar em 1984. Mas em 2005 foi encontrado em Ribeira um indivíduo morto, em avançado estado de decomposição. Por fim, no dia 9 de setembro de 2017, um pesqueiro enxergou e gravou uma baleia-azul em frente de Monte Louro (Muros) duns 20 metros de comprimento (provavelmente, um subadulto). Duas semanas depois observava-se um segundo exemplar de 24 m em águas de Ões. Os registros da espécie, da qual restam uns 25.000 exemplares em todo o mundo e apenas 400 no Atlântico, repetiram-se

Em setembro até 9 baleias-azuis e 19 baleias-comuns foram observadas em entre o arquipélago das Sies e o de Ões, numa pequena zona próxima à costa, por vezes, só a duas milhas desta

em 2018 e 2019. O regresso deste gigante aos mares da Galiza à procura do *krill*, o seu alimento, constitui, portanto, um facto de indubitável importância científica. O *krill* (pequenos crustáceos que fazem parte do zooplâncton) ocorre nas Rias Baixas durante a época estival, como consequência dum fenómeno de afloramento costeiro de águas subsuperficiais africanas carregadas de nutrientes.

Em maio de 2020, tornava-se público um vídeo dum urso-pardo (*Ursus arctos*) no P. N. dos Montes do Invernadeiro. O exemplar levava um ano sendo seguido nesse parque natural mediante câmaras de caça. Desde o século XIX não se tinham evidências da presença de ursos no Maciço Central Ourensano. No mesmo mês e polo mesmo procedimento de "armadilhas fotográficas", o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas confirmou "o aparecimento e a presença de polo menos um exemplar" de urso no P. N. de Montesinho, numa área raiana da freguesia de Espinhosela (Bragança, Portugal). O mesmo animal foi também detetado do outro lado da fronteira, onde atacou um colmeal na aldeia seabresa da Teixeira. A nova foi um sucesso em Portugal, onde, segundo conta o livro *Urso-pardo em Portugal – Crónica de uma Extinção* de M. Brandão e P. Caetano, o último urso português teria sido caçado no dia 2 do mês de dezembro de 1843 no planalto da Mourela (Serra do Jurês). Ainda assim, houve um avistamento posterior que já temos comentado nestas mesmas páginas. No dia 16 de junho de 1946, em Coucieiro, perto da alfândega de Ponte Varjas (Concelho de Padrenda, Galiza), o lavrador Camilo Lhoves, com a ajuda de várias pessoas, matava a um urso que, muito provavelmente, teria descido das serras portuguesas do Laboreiro ou do Soajo.

Raro é o dia em que não encontramos nos jornais galegos novas dos ataques ao gado do mais emblemático dos carnívoros europeus, o lobo (*Canis lupus*). Segundo os últimos estudos feitos, calcula-se que o lobo ocupa mais do 90% do nosso território, colonizando nas duas últimas décadas zonas onde já não se lembrava a sua presença. Estima-se o seu número em 600-800 exemplares, distribuídos numas 90 alcateias, sendo a população do noroeste ibérico a mais numerosa da Europa Ocidental.

Urso-pardo (Ursus arctos). séchu sende

Os javalis (*Sus scrofa*) estão a provocar mais de 3.000 acidentes de trânsito anuais no nosso país. Multiplicam-se as perdas que produzem nas culturas de milho (*Zea mays*) e patacas (*Solanum tuberosum*). Os porcos-bravos, tidos por escassos no século XIX (Seoane, 1861), tornam-se praga no XXI, invadindo mesmo zonas periurbanas (Lugo, Santiago, Vigo, Ferrol, Oleiros...).

Mas não são estes os únicos grandes mamíferos que vem incrementar as suas populações, também se estão a expandir polo território galego outras espécies como corços (*Capreolus capreolus*), veados (*Cervus elaphus*), rebeços (Rupicapra pyrenaica), cabras-bravas (*Capra pyrenaica*), gamos (*Dama dama*)...

O padre Stoppani foi o geólogo que cunhou no século XIX o termo "Era Antropozoica" para se referir à época mais recente da história do planeta, aquela marcada polos efeitos da humanidade sobre os ecossistemas. Este Antropocénico, que teria começado com a Revolução Industrial, está-se caracterizar por uma degradação ambiental cada vez maior.

Em maio de 2020, tornava-se público um vídeo dum urso-pardo (Ursus arctos) no P. N. dos Montes do Invernadeiro. O exemplar levava um ano sendo seguido

Como explicarmos, então, a aparente contradição de que se produza uma recuperação da nossa megafauna, quando no planeta Terra enfrentamos a chamada sexta extinção massiva? A resposta está na proibição mundial da caça de cetáceos de 1986 e numa Galiza cada vez mais urbana e menos rural, com abandono do campo, aumento da superfície florestal e diminuição significativa das licenças de caça.

A Galiza "vazia" ou não há mal que por bem não venha.

Fotograma de 'Dorothé na Vila'. Manolo, Jovita, Concepción e Antonio, família de Louzarela retratada por Dorothé Schubarth.

DOROTHÉ SCHUBART /

A rapariga suíça que buscava cantigas

maria rodiño
mariarodinho@novas.gal

O 'Cancioneiro Popular Galego' de Dorothé Schubart e Antón Santamarina é um dos maiores trabalhos sobre a nossa tradiçom oral. Além de umha valiosa obra etnomusicológica, Olaia Tubío e Alejandro Gándara vírom nele um ponto de partida para achegar-se à Galiza na que estas músicas faziam parte da vida quatidiana e fôrom transmitidas durante anos.

"Delfina e Rosa cantárom-me durante umha tarde quase duzentas coplas, umha cantiga e um aguinaldo, acompanhando-se com a pandeireta. Contavam com orgulho que disfrutavam de muita sona na comarca por serem boas cantadoras". Vila da Igreja, Cerzeda. Março de 1980.

Rosa era avoa de Richi Casás, músico cerzedense que liga na sua obra a sua formaçom académica como saxofonista com a música tradicional que sempre ouviu na casa. O texto é unha das inumeráveis anotaçons da nómina de informantes do *Cancioneiro Popular Galego* de Dorothé Schubart, considerado a bíblia da nossa tradiçom oral. Quando Casás falou para a Olaia Tubío e o Alejandro Gándara daquela musicóloga suíça que percorrera boa parte de Galiza há quarenta anos registando cançons populares, ficárom tam atraídas pola sua história que decidírom afundar no tema e iniciárom um trabalho de pesquisa que as levou trás os passos de Schubart e rematou com a estreia, no passado mês de agosto, do documentário *Dorothé na Vila*.

"Nós já tínhamos intençom de fazer algo sobre várias questons da música tradicional e vimos que o *Cancioneiro* reunia muitas cousas que nos interessavam: a acessibilidade dos arquivos, o reconhecimento às informantes e o seu papel protagonista... Todo isto somado a que nele está recolhida a música oral antes da rutura da sua transmissom", explica Olaia Tubío. A intençom de Tubío e Gándara era fazer um documentário que nom se limitasse a falar da parte estritamente musical do *Cancioneiro*, mas também do contexto humano e social no que foi feito o trabalho de recolhida de Dorothé. Ao longo do filme, acompanhamo-las na sua viagem trás os passos da musicóloga e à procura de informantes vivas e dos restos daquela Galiza rural à que ela chegou quatro décadas atrás.

Um dos que se atreve a botar umha cantiga para as câmaras, acompanhado da sua sanfona, é Antón Santamarina, filólogo e coautor do *Cancioneiro*. Santamarina explica como conheceu a Dorothé quando chegou a Galiza em 1978 buscando, inicialmente, melodias arcaicas. Acabou ficando doze anos, dedicada à tarefa hercúlea de recolher, transcrever e organizar o imenso *Cancioneiro Popular Galego*. "É a obra da sua vida", di Santamarina. "Nom há umha obra igual na Galiza", explica Alejandro Gándara. "A classificaçom, o profissionalismo com que foi feito, a organizaçom, o fácil que é buscar nele, as teorias que aplicou... Todo isso fai umha obra única". Mas, tendo este grande valor e importância, o *Cancioneiro* está hoje descatalogado. Embora Santamarina reconhece no filme que ultimamente vê um certo interesse por esta obra, "som raras as vezes em que intérpretes botam mao do *Cancioneiro*".

"Eu, como aluno de umha agrupaçom de música tradicional, recomendo muitíssimo achegar-se ao *Cancioneiro*, porque aprendes sobre o que fas, por que o fas e como se fazia na tradiçom oral, que é o que se perdeu . Umha das cousas que mais me marcou é como fala da improvisaçom", comenta Alejandro Gándara. Agora, com *Dorothé na Vila*, talvez o *Cancioneiro* poda chegar a novos públicos, além do mundo da música tradicional. "Eu creio que as gravações [disponíveis no Arquivo do Património Oral da Identidade (APOI) do Museu do Povo Galego] som o mais acessível e o que o documental pode

contribuir a divulgar", aponta Olaia Tubío.

Precisamente a ideia de que o *Cancioneiro* nom é umha obra privada e pertence ao povo galego é algo no que insiste a própria Dorothé Schubart. "Eu nunca quigem estar no centro. O respeito para todos os que colaborarom impede-me tomar esse papel", explica num dos correios eletrónicos que envia às diretoras e que vam guiando o seu trabalho e armando a original estrutura do filme. "O que melhor define a Dorothé é a generosidade. É mui humilde e cremos que por ser tam humilde foge muito de todo tipo de protagonismo. É algo que tardamos em perceber, que também está no documentário. Ela quere colaborar, quere participar e que as cousas saiam adiante, mas à vez nom quer expor-se, entom está todo o tempo com esta ambivalência", explica Tubío.

"Dorothé segue a vir aqui depois de tantos anos, tem amizades, relaçons e ligaçons mui fortes, e sofre ao ver como isto se acaba", comenta Gándara. Essa dor de Schubart por um mundo que esmorece percorre todo o filme. Se num momento do documentário Santamarina comenta com ela como o seu trabalho foi feito "in extremis, num momento providencial", polas mudanças que se estavam a produzir na sociedade galega, *Dorothé na Vila* chega quando as informantes vivas já tenhem idades mui avançadas.

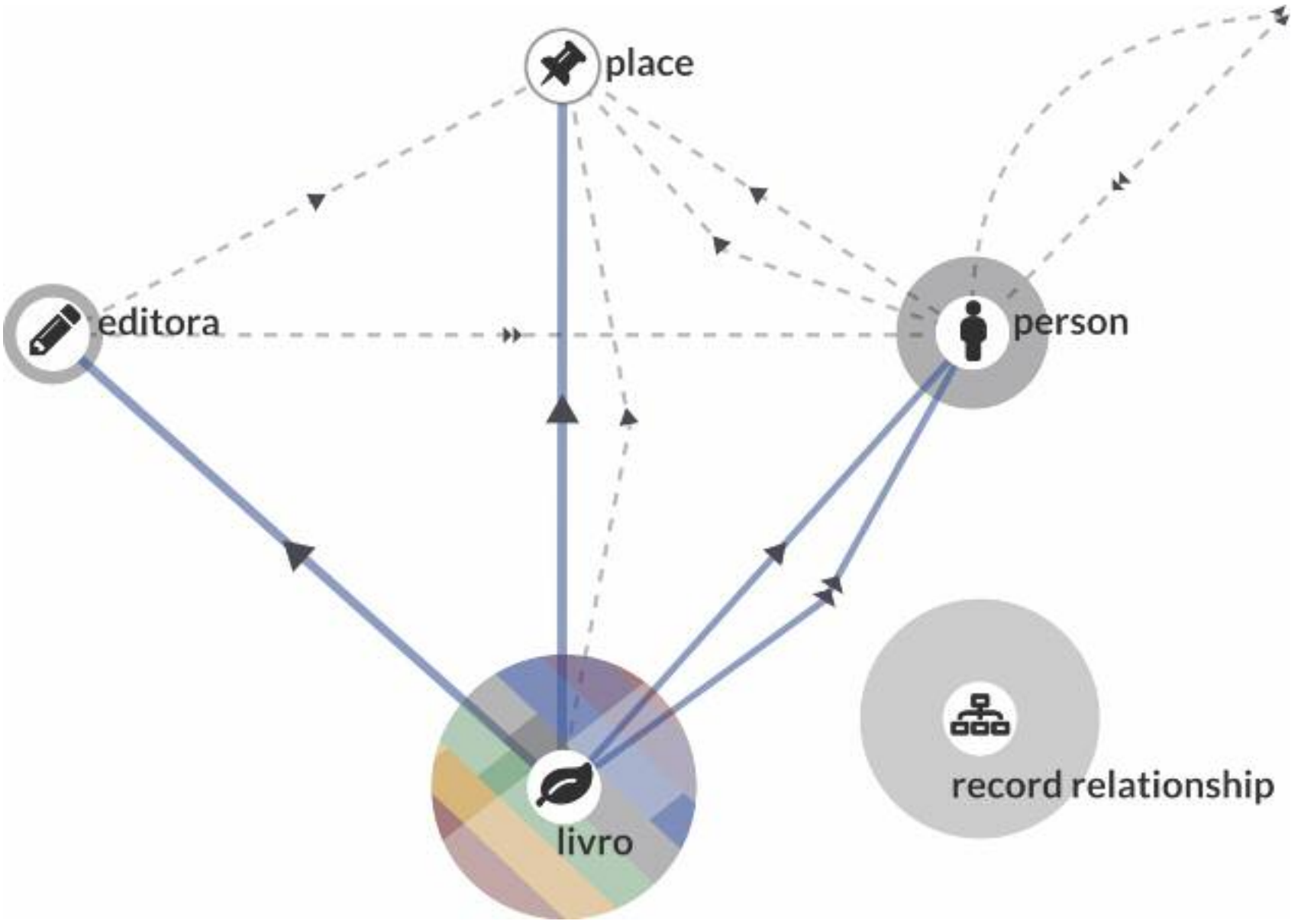
Manolo, de Louzarela, que conta como a música lhe alegrava as horas de trabalho. Victorina, de Carnota, e a emoçom do seu encontro com Maria de Fetós. Jesusa e a sua torrente de cançons e lembranças sobre aquela Dora que chegara à aldeia baixo a chuva. "Afinal o filme som elas", comenta Gándara. "Nem nós, nem Dorothé, nem a estrutura que montamos para contar a história: se o filme destaca por algo, é por essas mulheres, que som umhas personagens incríveis". Como di Tubío, "todas tenhem alguma cousa distinta".

A última em aparecer é Marina, umha das informantes mais jovens. "Nom tenho gana de cantar. Se canto, termino chorando", di com umha nostalgia nom mui diferente da que expressa Dorothé. Num momento do filme, Alejandro Gándara pergunta-se se o mundo do *Cancioneiro* acabou já. "É um tema mui difícil de sintetizar", acha. "Muitas vezes queremos ver que todo continua e quando te metes aí vês que o que faziam os velhos e as velhas era radicalmente distinto do que fazemos agora. O feito de levar a música dentro, que seja algo que nom só te acompanha nos momentos lúdicos, senom enquanto trabalhas ou fazes qualquer cousa da tua vida, é umha diferença mui grande". Para Tubío, "há cousas desse mundo que continuam hoje: agrupaçons, foliadas... e há outra parte, mais ligada á improvisação, a cantar porque tés a melodia dentro e tés as ferramentas para que a música saia de ti, que talvez sim acabou. Vai um bocado ligado à situação do rural: desaparecem as aldeias, os espaços onde cantar, os trabalhos manuais...". "Faltam os ambientes", resume no filme Dorothé, para quem o *Cancioneiro* é umha valiosa fonte sobre como se vivia na época da sua recolhida. "Estas coplas e histórias som um espelho da vida", sustém. E esse reflexo é o que procura *Dorothé na Vila*.

Alejandro Gándara e Olaia Tubío, narradoras do documental.

Para Alejandro Gándara, "se o documentário destaca por algo, é polas informantes"

"Umha parte da música tradicional, mais ligada à improvisaçom, talvez já acabou", di Olaia Tubío



BASE DE DADOS DO LIVRO GALEGO /

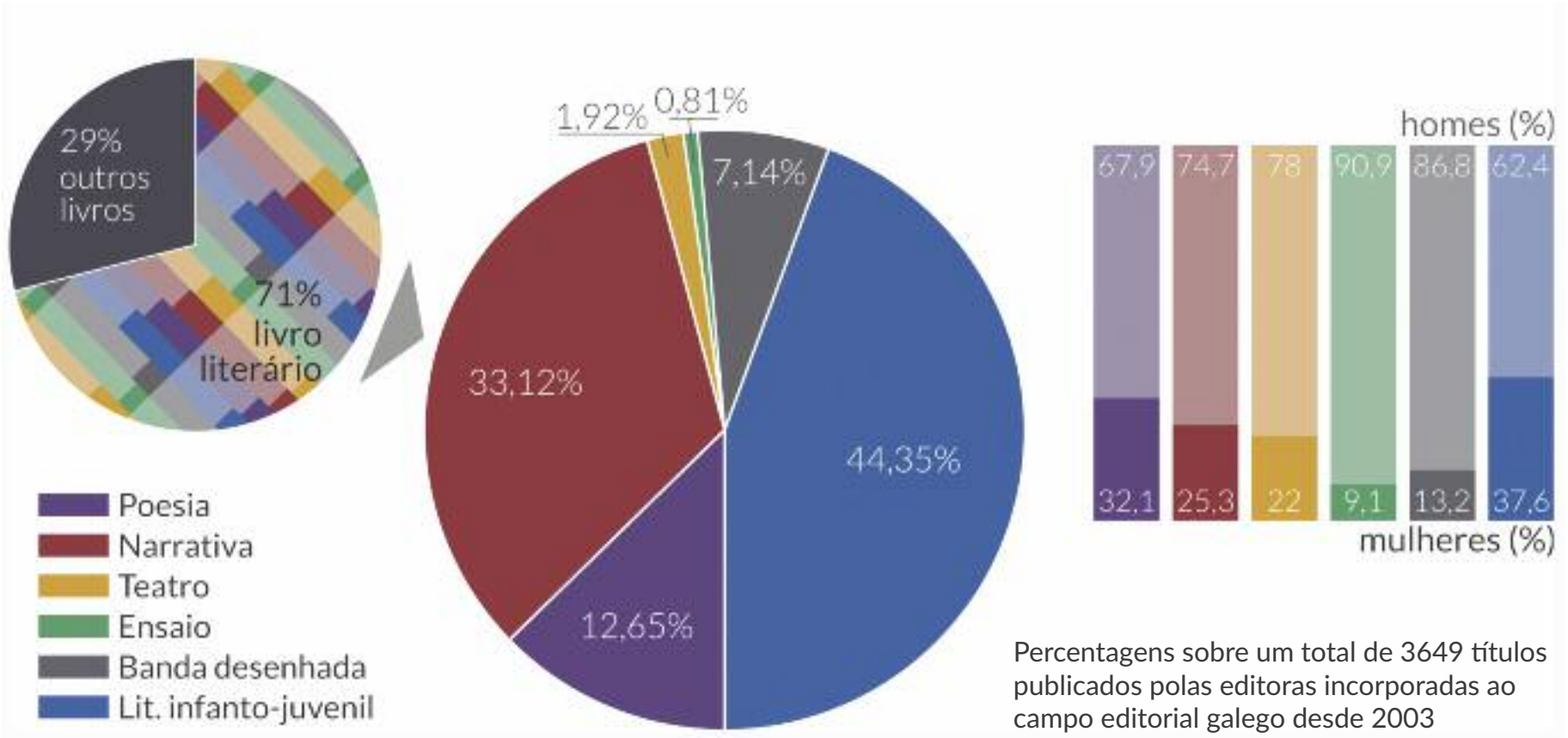
Ferramentas livres para o estudo do campo editorial no período autonómico

lucía cernadas varela

Compreendermos o sistema cultural (ou sistemas culturais) de que participamos é chave para entendermos o funcionamento das nossas sociedades. O campo editorial revela-se, entom, como um espaço de estudo privilegiado para nos aproximarmos dessa compreensom da organizaçom comunitária e da posiçom que nela ocupamos (ou do papel que nela podemos vir a desempenhar). Com base nesta premissa, umha equipa de trabalho orientada polo professor Roberto Samartim iniciou ainda neste ano na Universidade da Corunha (UdC) o estudo do funcionamento do campo editorial galego do período autonómico (1978-2019), aproximando-se dele de jeito empírico e relacional. Para isso foi preciso desenhar e construir, antes de mais, a ferramenta apropriada: umha base de dados (BD) do livro galego, que já deu os seus primeiros resultados em forma do Trabalho Fim de Grau defendido em junho passado na Faculdade de Filologia da UdC. Esta BD, desenhada no seio da equipa e construída por *Ideia. Comunica & Inova*, organiza toda a informação bibliográfica e documental de livros publicados em galego neste período e permite análises quantitativas, qualitativas e relacionais de diverso tipo. Além disto, esta ferramenta permite superar várias carências na informaçom e no conhecimento dum espaço do sistema cultural galego determinante para entendermos o funcionamento da sociedade galega contemporânea.

Privatizaçom e precariedade dos dados

Para o livro galego do período em foco, a fonte mais fiável é o catálogo do ISBN espanhol, mas o seu desenho sequencial impede o acesso a grandes volumes de dados, para além de ficar restringido desde a sua transferência em 2010 ao Distribuidor de Información del Libro Español en Venta (DILVE) –gerido pela Federación de Gremios de Editores de España (FGEE)– e a privatizaçom da



Percentagens sobre um total de 3649 títulos publicados polas editoras incorporadas ao campo editorial galego desde 2003

sua gestom em 2015. Igualmente, na maioria de fontes (de entre as quais o próprio ISBN, Rebiun, WorldCat, a biblioteca da USC e a Biblioteca de Galicia) a extraçom de dados robustos por língua e/ou ano resulta impossível. Na era da internet e dos dados em aberto, a informaçom –embora sendo essencialmente pública– está mui dispersa, é fragmentada e pouco acessível.

Perante esta realidade, a BD cobre dous défices importantes: por um lado, é a primeira base de dados de livro galego para um período tam abrangente estruturada de forma relacional. Por outro lado, é a mais completa que existe atualmente, porque combina os catálogos disponíveis mais fiáveis. Aliás, foi construída com *software* livre e em formato aberto, e como tal será disponibilizada em acesso livre e gratuito antes do fim deste ano 2020.

Primeiros resultados

Apesar de se encontrar ainda em fase de revisom e normalizaçom dos dados, os primeiros resultados das pesquisas feitas nesta BD permitem já tirar algumhas conclusons relevantes sobre as estratégias das editoras que se incorporam ao campo editorial galego desde 2003. Para além de confirmar continuidades como a dependência do setor da literatura infanto-juvenil e o peso da importaçom de materiais mediante a traduçom –em grande medida também de literatura infantojuvenil–, ou a predominância da narrativa como género literário e a relevância nos catálogos destas editoras da literatura infantojuvenil, a investigaçom aponta já para algumha tendência relativamente novidosa nas açons das editoras que começam a publicar livro galego no século XXI.

Destaca a relativa diversificaçom e pluralidade das línguas de partida nas traduçons e a presença crescente do inglês como língua de partida

Destaca, neste sentido, a relativa diversificaçom e pluralidade das línguas de partida nas traduçons, com referências em húngaro, islandês, grego, japonês, árabe, italiano... e a presença crescente do inglês como língua de partida em contraste com um menor número de referências procedentes do espanhol, concentradas aliás fundamentalmente na literatura infantojuvenil. Da mesma maneira, a investigaçom também permite verificar que estas novas editoras estám associadas a umha produçom mui diversa, mas que permite um certo grau de autonomia a respeito do mercado geral e as instituiçons públicas graças a estratégias como a subscriçom ou os clubes de fidelizaçom.

Por outra parte, umha observaçom inicial das estatísticas por géneros literários relaciona a literatura infantojuvenil e a narrativa em maior medida com lógicas de mercado, ao tempo que mostra como o teatro e o ensaio ficam fora das prioridades das editoras examinadas. Igualmente, estas pesquisas iniciais confirmam que o espaço coberto polas autoras é ainda restrito em relaçom com o ocupado polos escritores. Aliás, os géneros literários com maior presença de mulheres autoras som aqueles tradicionalmente mais associados à feminidade: a literatura infantojuvenil e a poesia; em nengum deles, ainda assim, a autoria feminina é maioritária.

A aproximaçom efetuada na BD para este trabalho académico permitiu levantar também algumhas hipóteses ou perguntas para abordagens futuras, quer relativas ao grau de profissionalizaçom das editoras e ao papel desempenhado polo associacionismo num campo editorial galego mui fragmentado, quer atinentes às características e estratégias implementadas por um conjunto numeroso de editoras que acumulam um volume relativamente baixo de produçom, mas que parecem entender o trabalho editorial como mais artesanal do que industrial, garantindo para si um mercado relativamente restrito.

Da tecnologia sustentável e do trabalho colaborativo desde a universidade pública resulta, em qualquer caso, o acesso livre a informaçom com a qualidade suficiente como para gerar conhecimento novo e socialmente útil sobre a cultura galega atual.

Crianças afroamericanas condenadas a trabalhos forçados em 1903 nos EUA. john l. spivak

LÍNGUAS /

Línguas de preto

iván cuevas

Mentres o movimento Black Lives Matter acendia as ruas estadunidenses, várias vozes quigérom traçar paralelismos entre a situação das galegofalantes e a das afro-americanas. A comparação, que não é nova e pudera entender-se a partir da irmandade, não parecia mui apropriada feita sobre o cadáver de George Floyd. Mas quiçá agora podamos perguntar-nos se, a um nível apenas linguístico, há alguma semelhança entre ambas as duas.

Não existe uma língua única na comunidade afroamericana, mas adoita associar-se com ela o chamado Afroamerican Vernacular English (AAVE), que conhecemos polas caracterizações das pessoas negras nos filmes e na TV. A língua que James Baldwin chamou "a criação da diáspora negra" é especialmente usada entre as classes mais baixas e as pessoas do rural. Os prejuízos e a discriminação que isso provoca bem podem traduzir-se ao galego de Malpica ou da Peroja.

Contodo, ainda que haja registos do AAVE desde o princípio do século XIX, é evidente que a população africana não chegou à América sabendo inglês. As escravizadas passárom o Atlântico com os sons e as palavras do hausa, o iorubá, o acã e dúzias de outras línguas. Pensando nelas, começa a entender-se o corte brutal da escravitude: nos EUA falam-se variedades de neerlandês ou castelhano que podemos remontar ao século XVII, mas as línguas africanas desaparecérom quase completamente no pouco mais de século e meio que nos separa do desembarco do último "navio negreiro".

Muitos movimentos de libertação negra figérom, com todo o direito, bandeira do AAVE. Mas os estudos opinam que há que buscar a sua origem no inglês do sul dos EUA em que eram berradas as ordens que acompanhavam o látego. A contribuição das línguas africanas a esta variedade linguística seria mínima. Por outra banda, conservam-se relatos e documentos das africanas escravizadas, mas só um exemplo não nos chega em inglês: Omar ibn Said, provavelmente falante nativo de fula, escreveu o seu testemunho na língua em que foi alfabetizado, o árabe.

É certo que existem falas com influências africanas espalhadas polo continente americano: o gullah no sueste dos EUA, o afro-seminole no norte do México, o palenquero na Colômbia... Mas a base destes crioulos é sempre uma língua europeia. Temos ainda o langaj do vudu ou o lucumi da santeria, mas trata-se de variedades usadas só para a liturgia. A transmissão cortou-se de raiz e as únicas línguas africanas que se falam hoje na América provenhem de migrações mui posteriores.

No barroco ibérico foram mui populares os vilancicos plurilíngues, nos quais idiomas considerados inferiores ou rústicos, entre eles o galego, eram ridiculizados. À imitação do português das escravas negras nestas composições chamárom-lhe os tugas "língua de preto". Mas entre as onomatopeias desse arremedo às vezes ocultam-se mensagens segredas: Se escuitarmos a partir do kikongo, "tumbucutú" soa-nos a *tumba*, 'alborotar', e "ugulù gulungà", a *ngoma*, 'tambor'. E chegam-nos os ecos daquelas línguas de preto que fôrom arrebatadas.

CENTROSOCIAIS

COMPOSTELA/
O PICHEL
Santa Clara
CASA DE SAR
Curros Enríquez

VIGO/
A COVA DOS RATOS
Romil
DISTRITO 09
Coia
FAISCA
Calvario
A REVOLTA DO BERBÊS
Rua Real

OURENSE/
CSO A KASA NEGRA
Perdigom
A GALLEIRA
Praça Sam Cosme

SALZEDA DE CASELAS/
O MATADOIRO
Senda do rio Landres

RIBEIRA/
CSA O FERVEDOIRO
Rua Mendes Nunes

LUGO/
CS MADIA LEVA
Serra dos Ancares
CS VAGALUME
Rua das Nóreas

A CORUNHA/
CS A COMUNA
Doutor Ferrant
CS GOMES GAIOSO
Marconi
ATENEO LIBERTÁRIO XOSÉ TARRIO
Gil Vicente

FERROL/
CS ARTÁBRIA
Trav. Batalhons
ATENEO FERROLAN
Magdalena

NAROM/
CS A REVOLTA DE TRASANCOS
Alcalde Quintanilla

ALHARIZ/
CSA CAMBALHOTA
Caminho do Castelo

A GUARDA/
O FUSCALHO
Frente a Atalaia

PONTE D'EUME/
LS DO COLECTIVO TERRA
Boa Vista
CSOA A CASA DA ESTACION
Avda. Ferrol

BURELA/
CS XEBRA
Leandro Curcuny

PONTE VEDRA/
LICEO MUTANTE
Rosalia de Castro
O QUILOMBO
Princesa

CANGAS/
A TIRADOURA
Reboredo

CASTROVERDE/
A CHAVES DAS NOCES
Sam Juliam de Pereiramá

SÁRRIA/
BURIL
Travessia da Rua Nova

isto nom é um periódico

nas tuas maos tes umha ferramenta
feita com o trabalho de muitas pessoas que cada mês fam a sua achega à construçom dum meio próprio, que acompanhe a galiza que se move e abra fendas nas estreitas paredes do discurso dos poderes.

mas esse trabalho, do jornalístico à distribuiçom, move-se graças ao motor da nossa comunidade de leitoras. desde a aposta firme na independência informativa, as subscriçons som a garantia de mais e melhor informaçom crítica, mais e melhor novas da galiza.
por isso, está também na tua mao.

fai-no possível
em www.novas.gal/loja

Flow do Toxo
grupo de rap feminista

silvia mella

"O machismo continua a estar aí apesar do 'postureo'"

alba moledo

Rosi, Silvia, Laura e Xía som as Flow do Toxo, um grupo de mulheres que leva o feminismo combativo por bandeira, e que depois de um intenso percurso polo panorama musical galego nos últimos tempos, venhem de apresentar o videoclipe do seu tema 'Jo Ta Ke' junto com a artista basca La Basu.

Como surge esta irmandade com La Basu e como transcorreu a gravaçom?

Coincidimos algumhas de nós com ela e com outras artistas fazendo umha cançom para o 8M há um par de anos, '*Yo por ellas, ellas por mi*', e desde ali começamos a tecer rede. Pensamos em fazer umha colaboraçom com ela, comentamos as nossas intençons e dixo-nos que sim. Muito emocionadas, pugémo-nos maos à obra. Tempo depois coincidimos no Festival das Brêtemas e botamos o tema ao vivo. Seguimos mantendo o contato, gravamos a cançom a distância e figemos o vídeo na Galiza num finde maravilhoso em que compartilhamos experiências tanto com ela como com a Tesa.

Que expetativas tendes para este novo trabalho? Seguirám-lhe novas surpresas?

Pois seguirám, sim, algumha que outra surpresa haverá neste ano pandémico cheio de mudanças intermitentes em que nos está a custar tanto lançar a maqueta. Temos duas colaboraçons mais que vam sair já, umha com a rapeira valenciana Tesa e outra com as grandes artistas de Brassica Rapa. E algumha que outra surpresa mais haverá, nom podemos desvelar muito, mas temos outras colaboraçons com tremendas artistas. Tempo ao tempo e com calma.

O feminismo combativo é umha das constantes nas vossas letras. Contra que luitades nestes tempos tam convulsos?

As nossas letras som o resultado das experiências vitais de cada umha de nós e som feministas e combativas porque nom nos fica outra opçom, essa é a nossa realidade. Luitamos para lograr umha transformaçom social que rache com as dinâmicas machistas arraigadas em todos os âmbitos da nossa vida.

O rap em galego viviu um forte impulso e as Flow do Toxo tendes um sítio de honra neste setor. Que lugar achades que ocupa este estilo musical no âmbito da música galega e de que adoece?

Cada vez somos mais e isso é maravilhoso. É um reflexo dos feminismos e do que está a acontecer em toda a parte. Empoderamo-nos juntas. No rap ou em qualquer estilo musical o que falta é rachar realmente com privilégios, dinâmicas e comportamentos machistas que continuam a estar aí apesar do *postureo*.

Como enfrenta Flow do Toxo um panorama musical e cultural tam desolado como o atual por causa da pandemia?

Como todo o setor cultural estamos num estado de letargia estranho. Entristece-nos enormemente nom ter quase atuaçons e as constantes cancelaçons de festivais. A sorte que tivemos foi que gravamos as vozes da maqueta justo antes do confinamento e durante esse tempo dedicamo-nos a trabalhar na produçom a distância e *online*. Isso, somado a que é a primeira vez que nos metemos no estúdio, fai que todo nos leve mais tempo. Ainda assim, temos pensado sacar a maqueta antes de acabar o ano e começar logo com as apresentaçons ao vivo. A cultura é segura e sobretodo necessária, que nom nos enganem.

Ánxela Taboada

quico

Ánxela Taboada já era veterinária muito antes de conhecer-nos. Aparecia nas segundas-feiras, à tardinha, logo de vir como aluna a uns cursos aqui, em Compostela. Longe das terras em que com as suas maos cuida do gado e traz ao mundo bezerros polifónicos em cortes insones: Sam Martinho, Couso, Baroncelhes, Barregalhos, Cagide, As Povanças, Senra, Bairro... Enumerava num e-mail, feliz por regressar ao trabalho após o confinamento.

Numha daquelas visitas, a Ánxela mencionou o povo de Ourim. Os meus olhos escintilárom. Ao momento urdimos um adival mágico que nos unia através dos irmaos, sobrinhos e primos dos meus avós maternos, pois tamém era veterinária das suas casas. Meus avós, os avós cambotes.

Meses depois, falei deste encontro ao irmao da minha avoa, o Pepe de Bardelás, que com a voz doce que o carateriza relatou a primeira vez que ela acudira para ajudá-lo com o parto dumha cachena que se complicava, *botámos toda a noite, non tinha a força dum homem, mas mais vale manha e saber...* Cheio de orgulho, sentenciou que a nova veterinária foi ganhando o respeito e o coraçom dos vizinhos de bem, recalcando: *dos de bem*. Nom era alheio às dificuldades que implicava ser trabalhadora mulher em espaços tam masculinizados.

Tarde após tarde iam agromando outros nomes: o de Luz Pichel, o de Lupe Gómez, o da poeta veterinária cordovesa María Sánchez. *Ti eras a caligrafía amada de Galicia*, escreve a de Fisteus. Desse jeito cavilo na Ánxela, mas mudando a forma do passado por um ser presente, eterno, que já vem de longe e ela reativa em toda praxe e doa para continuar em outras. Empurrando.

As maos da Ánxela Taboada som um funil: um útero. Seguramente, nunca lhe dedicarám umha praça, umha rua. Ela sorri junto dos canos das fontes de Agolada e dá-nos de beber.